

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MATEUS ANCILIERO

**MARIA CELESTRINA RODRIGUES:
ANCESTRALIDADE E LUTA NAS LIÇÕES DA KOFÁ**

CHAPECÓ

2024

MATEUS ANCILIERO

MARIA CELESTRINA RODRIGUES:
ANCESTRALIDADE E LUTA NAS LIÇÕES DA KOFÁ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Adiles Savoldi

CHAPECÓ
2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Anciliero, Mateus

MARIA CELESTRINA RODRIGUES: ANCESTRALIDADE E LUTA
NAS LIÇÕES DA KOFÁ / Mateus Anciliero. -- 2024.

67 f.:il.

Orientadora: Doutora Adiles Savoldi

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais, Chapecó, SC, 2024.

1. Indígena. 2. Toldo Chimbangue. 3. História. 4.
Cultura. 5. Ancestralidade. I. Savoldi, Adiles, orient.
II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MATEUS ANCILIERO

MARIA CELESTRINA RODRIGUES:

ANCESTRALIDADE E LUTA NAS LIÇÕES DA KOFÁ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Este trabalho foi defendido em 13/12/2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ADILES SAVOLDI**
Data: 27/01/2025 17:31:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Adiles Savoldi – UFFS
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **RICARDO MACHADO**
Data: 30/01/2025 14:36:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ricardo Machado – UFFS
Avaliador

Documento assinado digitalmente
 **FABIO CARMINATI**
Data: 30/01/2025 08:43:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Fábio Carminati - UFFS
Avaliador

Em memória de Maria Celestrina, a Mãe Vêia, pelos ensinamentos que levarei para a vida, à professora Adiles, pela paciência e por me guiar com humildade e amor neste mundo onde a ancestralidade e luta são legados fundamentais. Que possamos reconhecer na alteridade a lição de amor e resistência presente na pluralidade do ser.

AGRADECIMENTOS

Ao iniciar a minha graduação seu final parecia algo muito distante, e como em um estalar de dedos, cá estou escrevendo os agradecimentos. Nunca pensei na dificuldade que teria em registrar minha gratidão a cada pessoa que, de uma forma ou de outra, me ajudou na construção do meu caminho acadêmico. Foram tantas pessoas que estiveram presentes nessa jornada, espero conseguir prestar homenagem da melhor forma possível a cada um que esteve comigo durante todo esse tempo.

Primeiramente agradeço em especial a pessoa que foi fundamental para este trabalho, obrigado Maria Celestrina por me receber em sua casa e permitir contar sua grandiosa história, sou grato por cada visita que fiz ter uma recepção calorosa, e por transmitir um pouco de sua essência, sua sinceridade e espontaneidade, essas são marcas fortes que nunca esquecerei. Foi deveras gratificante poder conversar com a senhora, sua família e sua comunidade. Lamento não poder mostrar para você o resultado de nossas prosas regadas a mate e boas risadas, aonde quer que a senhora esteja, espero ter conseguido registrar quem foi a Mãe Véia, para que outras pessoas também consigam conhecer um pouco da sua história.

Quero expressar minha mais profunda gratidão aos meus pais. Ide e Inhara, obrigado por sempre estarem ao meu lado, seja para rir ou chorar, vocês fizeram tudo isso ser possível pelo esforço que empreenderam para impulsionar meu irmão e eu, a fim de termos as oportunidades que vocês não tiveram. Foi muito difícil estar longe de vocês, porém o caminho que escolhi para minha vida. Obrigado por não me deixar desistir, fazendo eu refletir sobre as razões de ter saído de casa. Vocês sabem o nó na garganta que vinha toda vez que o final de semana acabava e eu precisava ir para Chapecó, viajando já pensando quando iria voltar para junto de vocês. Obrigado por sempre me receberem de braços abertos com uma jantinha boa, e uma cama arrumada para descansar, não existe melhor sentimento no mundo do que voltar para casa. Obrigado por tudo, obrigado por sempre! Essa repetição não é capaz de expressar todo o sentimento que tenho pelo que vocês fazem por mim, faltariam textos para dizer tudo que vocês representam na minha vida! Amo vocês! Vocês são minha maior inspiração.

Agradeço ao meu irmão, por desde sempre estar ao meu lado, seja com lágrimas, seja com risadas, superamos as adversidades juntos como um. Você me motiva a ser melhor todo dia, buscando deixar para ti o melhor do ser Mateus, gratidão por ser meu confidente, e um

ombro onde me apoiar. Maikinho, você é um ser incomparável, minha vida não seria a mesma sem você.

Quero agradecer de uma forma especial a minha avó Iraci e minha nona Ana, vocês as minhas raízes, e motivaram minha curiosidade sobre a ancestralidade, que só soube ser ancestralidade depois que ingressei na graduação, mas o passado de nossa família me instiga a cada história que vocês contam. Ah que saudade de um cafezinho da tarde, ou um mate regado a prosa, vocês sempre estão presentes nas minhas boas memórias de casa, não vejo a hora de voltar para casa e contar sobre as coisas que se passaram, vocês são as pessoas mais doces na minha vida, com um carinho especial, mesclado com uma certa seriedade e cuidado de mãe. Suas histórias de vida me motivam a continuar trabalhando duro para ser um excelente profissional.

A esses dois seres de luz, que onde quer que estejam. Nonô Olindo (In Memoriam), que esteve comigo desde que me entendo por gente, o senhor foi o maior exemplo de bondade, simpatia e empatia que eu tive, carregar esses ensinamentos é um bom jeito de trazer a sua memória junto de mim, o senhor foi um nonô maravilhoso. Ao meu avô Angelo (In Memoriam), não tive o prazer de conhecer o senhor, mas soube da sua vontade em conhecer seu neto, e as histórias que ouço do senhor deixam claro a pessoa incrível que o senhor é, e como seus ensinamentos perseveraram até hoje em nós.

À minha companheira Brendha, obrigado por estar ao meu lado me incentivando quando duvidei que conseguiria, por me dar um puxão quando foi necessário. Sou muito feliz em ter você ao meu lado, meu caminho é mais feliz contigo, nunca esqueça disso. Obrigado por cuidar de nós (Eva, Rita, e eu), pelas risadas trocadas, pelo abraço que acalenta e por se preocupar com o que se passa aqui dentro, e a cada dia me lembrar com ações e palavras o que realmente importa. Sem você eu não teria iniciado, e agora concluído essa graduação.

Ao meu mestre Lucas Godinho, obrigado por ser um excelente professor, me mostrando um horizonte possível dentro da docência, e quão gratificante é ato de ensinar e desvelar o mundo, você foi o responsável pelo início do meu caminhar na busca pela mudança agindo dentro da educação libertadora. Agradeço também a Cíntia, um ser de luz, obrigado por sempre dar aquele conselho que faz total diferença, pela papo cabeça, pelas risadas e momentos icônicos que só vocês dois sabem proporcionar.

Agradeço de forma especial à minha orientadora, Professora Adiles Savoldi, você é um ser incrível, uma professora maravilhosa, obrigado por me guiar nesse percurso da graduação, abrindo meus olhos para questões essenciais que resultaram neste trabalho, e mostrando caminhos para melhor me desenvolver profissionalmente e como indivíduo. Sua paciência em ensinar, e trazer a vivência junto disso, resultaram em meu trabalho na EIEF Fen'Nó não tenho palavras que expressem minha gratidão.

Aos meus irmãos de outra mãe, Gabriel, Taís e Isa, obrigado por desde sempre estarem junto de mim, fico muito feliz em olhar para trás ver que continuamos juntos apesar da distância, apesar do caminhos diferentes que tomamos, ainda somos tão próximos quanto antes de tudo isso. Ainda to esperando a visita de vocês.

À amiga Nicolly, que desde o início da jornada nas ciências sociais esteve junto, uma amizade que não saberia explicar quão importante é, mas que com certeza tem um lugar especial na minha vida. Foram tantos momentos, surtos, lamentações, sorrisos, cervejinhas no altas, você fez total diferença neste percurso que trilhamos juntos, sua gentileza e autenticidade são ensinamentos para mim. Sou muito feliz de ter a sua amizade, e espero poder levar para a vida toda.

À amiga Laiza, um presente que o ensino remoto trouxe, ainda recordo de nossas aulas e os trabalhos via Google Meet, onde depois de fazer o trabalho eram algumas horinhas de fofocas e desabafos. Esse momento de graduação não seria o mesmo sem você, seu jeitinho especial de ser e o carisma sem igual, foi muito bom partilhar contigo esses momentos que a graduação nos deu. Laiza, Nicolly e Mateus o trio de sociais que eu respeito, obrigado meninas por tanto e por sempre.

Quero agradecer muito a duas pessoas que me acompanharam desde o início da minha trajetória docente. Paty, você é uma professora incrível, obrigado por estar sempre disposta a me ajudar, aprendi muito contigo sobre ser professor, que tudo é uma soma das experiências, e que a adversidade faz parte dessa formação. Ainda recordo de toda segunda a preparação para o dia, as conversas até a escola, e desses momentos fazerem surgir uma amizade que quero levar para toda vida. Ao querido Felipe, um matemático admirável, com uma paciência que tudo supera, os momentos de folga e as ideias trocadas não tem preço. Trilhar o caminho na EIEF Fen'Nó junto de vocês foi sublime.

Grato também à Professora Priscila, que mesmo com os apuros da vida docente na escola, os afazeres de mãe, tirou um tempinho e me ajudou com a tradução do resumo e de algumas palavras para a língua Kaingang, isso foi muito importante para mim, não conseguia imaginar esse trabalho sem ter esses elementos que carregam uma identidade.

Agradeço muito a todos da EIEF Fen'Nó, por terem me recebido de braços abertos, todo o grupo de professores, direção, coordenadores, e claro meus alunos, esse trabalho só foi possível graças ao envolvimento de vocês, e de uma forma ou de outra todos deixaram um pedacinho de si aqui, seja com entrevistas, seja questionando durante o desenvolvimento da pesquisa, foram vários momentos essenciais e valiosos para minha atuação como docente, e minha formação enquanto indivíduo e pesquisador.

Por fim agradeço ao Professor Fábio Carminati e ao Professor Ricardo Machado pela composição e contribuições da banca avaliadora no presente trabalho de conclusão de curso, obrigado por me ajudarem a melhorá-lo, e assim

RESUMO

Na proposta desta pesquisa colaborativa, em diálogo e parceria com os Kaingang, buscamos registrar e rememorar a história de um dos Troncos Velhos do Toldo Chimbangue, uma memória de luta, amor, esperança, e um forte legado de resistência para seus familiares e seu grupo. Conhecida como Mãe Véia, Maria Celestrina Rodrigues, uma das *kofá* (anciã) dos Kaingang do Toldo Chimbangue, nasceu em 29 de junho de 1929, na linha Chapada, no Toldo Pinhal, município de Seara, SC. Ela esteve na linha de frente da luta pela demarcação da terra indígena, em defesa de seus direitos e de seu grupo, ao lado de outras personalidades que tiveram êxito em seus esforços, e são rememoradas e exaltadas pelos Kaingang até a atualidade. Conhecemos a história da Mãe Véia na experiência de docência na Terra Indígena Toldo Chimbangue há alguns meses. A inserção neste meio foi muito gratificante, a convivência com a comunidade e o acompanhamento no seu dia-a-dia foi e é uma tarefa muito animadora. Desenvolveu-se empatia e apreço nas relações estabelecidas com as pessoas e com aquele local. A interação está intimamente relacionada com o trabalho docente nas aulas de História e Cultura Indígena. Estabelecemos diálogos com integrantes da comunidade e com os anciãos Kaingang, na intenção de aprimorarmos as aulas, e fundamentarmos uma construção de conhecimento orientada pelos saberes ancestrais. Em uma das aulas com os estudantes do 7º ano pesquisamos sobre a importância da ancestralidade no Toldo Chimbangue. Para tanto, questionou-se: “quem são os Troncos Velhos do Chimbangue?” Esse episódio revelou uma infinidade de histórias que ainda não foram registradas. Um dos fundamentos de pesquisa sobre a história e cultura Kaingang são os anciãos considerados guardiões da história e memória do grupo. Para tanto, a pesquisa foi desenvolvida em parceria com a Escola e a comunidade do Toldo Chimbangue na qual registramos memórias de Maria Celestrina Rodrigues, além de narrativas de parentes e amigos,, uma vez que Maria Celestrina Rodrigues era referenciada como uma biblioteca viva do povo Kaingang do Toldo Pinhal e do Toldo Chimbangue.

Palavras-chave: Ancestralidade; Kaingang; Toldo Chimbangue; História; Cultura.

ABSTRACT

In the proposal of this collaborative research, in dialogue and partnership with the Kaingang, we will seek to record and remember the history of one of the Old Trunks of the Chimbanguê Toldo, a memory of struggle, love, hope, and a strong legacy of resistance for his family and his group. Known as Old Mother, Maria Celestrina Rodrigues, one of the kofá (gradma) of the Kaingang of Toldo Chimbanguê, was born on June 29, 1929, on the Chapada, in Toldo Pinhal, of Seara, SC. She was on the front line of the struggle for the demarcation of indigenous Reservation, in defense of her rights and her group, alongside other personalities who succeeded in their efforts, and are remembered and exalted by the Kaingang to this day. We know the story of the Old Mom in the teaching experience in the Toldo Chimbanguê Indigenous Reservation a few months ago. The insertion in this environment was very rewarding, the coexistence with the community and the follow-up in their day-to-day was and is a very encouraging task. Empathy and appreciation developed in the relationships established with people and with that place. Indigenous culture is closely related to teaching work in Indigenous History and Culture classes. We established dialogues with members of the community and with the Kaingang elders, with the intention of improving the classes, and substantiating a knowledge construction guided by ancestral knowledge. In one of the classes with the 7th year students we researched the importance of ancestry in the Chimbanguê Toldo. To this end, he wondered: "Who are the Old Trunks of Chimbanguê?" This episode revealed a multitude of stories that have not yet been recorded. One of the foundations of research on Kaingang history and culture are the elders who constitute guardians of the history and memory of the group. In order to remember these narratives, specifically that of the Old Mom we thought of building an anthropological collaborative research in partnership with the Kaingang group, since Maria Celestrina Rodrigues is referenced as a living library of the Kaingang people of Toldo Pinhal and Toldo Chimbanguê.

Keywords: Ancestry; Kaingang; Toldo Chimbanguê; History; Culture

KUJU

Sa Kanhgág si ag to jãn vë ag mré nika sa vãmén. Sa ag mũ ja mi ag kãme ta jãn vë. Simág ki ke ãn si ã fi vë fi tija mẽ kar fi vësãn ki kar kar fi mré ke ag jogfy vësãn, ag kãme tỹ tũ ke tũ nijé. Fi mẽ ãg mýnh kofa ketĩ hãra fi jyjy vỹ ty Maria Celestrina Rodrigues ke ti kanhgág san fi simág kike fi ãrĩ, fi mur ja vỹ tỹ kurã tỹ 29 kisã tỹ Junho prỹg 1929, nĩ fi ga vỹ tỹ chapada kemẽ ên nĩ pija tá, fãg ag ga vỹ tỹ Seara ni Santa Catarina, fi vỹ ãg ga to vesãn ka nĩ, ãg ty ga nỹti ja ãrĩ, fẽ kar kofa ã ag, ky ser fag kãme vỹ ti ãrĩ fag ãgga to rãrá ja ki. Mýnh kofa fi vãme ve só fi kanhró, ên ti, kysã ã ta fi mré ti só ky tỹ ser vyr fi mré nãnũ han ti. Inh mẽ tó há vyr fi krẽ, kar fi mréke, fi ga ki fi tóg nãnũ há han. Gĩr ag kanhrãnãn ên ki ãg han ti ag tũki, ãskara ki eg hanti ag kãme kar ag fykrẽ kãmĩ. Kanhgág san ag mré ãg tãg vãmén kar ag mré ke ã ag mré eg ser gia mýag kãme ta jãn jé ãn san ag ser kanhrãn ky mẽ mũjé. Ag mẽ ãg tuvĩ mũ, ý nenẽ si mag ki ãn san pẽ tivãme tag pi ver tó ky nĩ ãg mẽ ke kanhgág ag kãme ã, ãg kãme tũ ke tũ nijé. ãg mýnh kofa fi vĩ mẽ ky ãg ser nãnũ ã han jé. Kanhgág ag mré kar ag ga to jã fã mré ser, kanhgág kãmẽ tĩ tũ kemẽ tũ nĩ fẽ. Mĩnh kofa Maria Celestrina Rodrigues fi vỹ tỹ kanhgág ag kãme toj fã há ni ãg mẽ son ky. Pija Toldo Pinhal Simag to jãn ha fi tỹnỹ.

Palavra- chave: Eg Kofa; Kãmé; Simág; Vẽn; Jykre;

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Disposição provável das comunidades Kaingang em relação aos territórios tradicionais	24
Mapa 2: Localização dos territórios indígenas no Rio Grande do Sul: Nonoai, Votouro, Erechim, e em SC Toldo Chimbangu e Toldo Pinhal	25
Mapa 3: Localização da área indígena Toldo Chimbangu e Toldo Pinhal, década de 1920.	28
Mapa 4: Localização da área indígena Toldo Pinhal, com destaque para as partes centrais da comunidade, e os locais de residência do Cacique Gregório.	42

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Propaganda da empresa Luce, Rosa & Cia, com destaque para os territórios disponíveis para a compra que abrangiam Toldo Pinhal e Chimbanguê. A propaganda está escrita em alemão. 32
- Figura 2: Diagrama de Parentesco. Árvore Genealógica Família Kaingang Rodrigues. 34
- Figura 3: Certidão de nascimento de Maria Celestrina Rodrigues, 1986. 39
- Figura 4: Maria Celestrina em seus afazeres na roça 40
- Figura 5: Lourenço Antunes de Lima e Maria Celestrina Rodrigues (Maria não soube precisar a data) 41
- Figura 6: Comunidade de joelhos em oração, (Maria não recorda qual cerimônia era) 44
- Figura 7: Grutas construídas próximo a fonte do monge São João Maria D'Agostini, no bairro Belvedere, Chapecó SC, local também conhecido como Sede Água Santa. No detalhe em uma das grutas a imagem do monge já em deterioração devido ao tempo e impactos do ambiente (umidade, chuva,). 46
- Figura 8: São João Maria na igreja católica do Toldo Chimbanguê. 47
- Figura 9: Maria Celestrina portadora da bandeira do divino durante procissão no Toldo Chimbanguê 1. A procissão visita todas as casas dos fiéis nos dias que antecedem a “Festa do Divino”. 48
- Figura 10: Fonte de água localizada no Bairro Seminário em Chapecó. Nesta fonte foi feita a construção de um sistema Caxambu, que protege a nascente e canaliza a água para o uso desta pela comunidade. 50

Figura 11: Fonte do monge São João Maria D'Agostini, no bairro Belvedere, 52
Chapecó SC, local também conhecido como Sede Água Santa.

Figura 12: Lourenço e Maria Celestrina junto de seus filhos de legítimos e filhos de 56
criação.

Figura 13: Maria Celestrina e Mateus Anciliero durante entrevista, em 19 de abril de 56
2024.

Figura : Cachimbo em nó de Araucária. 57

LISTA DE SIGLAS

AP	Antes do Presente
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
EIEF	Escola Indígena de Ensino Fundamental
FUNAI	Fundação Nacional Dos Povos indígenas
RS	Rio Grande Do Sul
SC	Santa Catarina
SPI	O Serviço de Proteção aos Índios
TI	Terra Indígena
UFFS	Universidade Federal Da Fronteira Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2. MARIA CELESTRINA: TERRA E RAÍZES QUE SUPLANTAM OS TEMPOS	23
2.1 O TRAJETO EM BUSCA DE UM CHÃO PARA BROTAR E FLORESCER	23
2.2 KAFEJ FI MOG (O CRESCER DE UMA FLOR)	35
3. O SAGRADO E A MENSAGEM DE ESPERANÇA	43
3.1. O CATOLICISMO E O KAINGANG	44
3.2. FONTES DO MONGE: A ÁGUA QUE CURA OS MALES	49
4. A LUTA PELA TERRA	52
5. MÃE VÉIA: O TRONCO QUE RESISTE E TRANSMITE A SEMENTE DE ESPERANÇA E LUTA	54
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
7. REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

A ancestralidade¹ é um ponto central para as culturas indígenas, ela está intimamente ligada à formação e construção das identidades² dos grupos, pois ela valoriza a memória coletiva e o pertencimento dos indivíduos ao locus de sua comunidade e de seu território. Por muito tempo os povos indígenas tiveram seus saberes transmitidos para as próximas gerações, por meio dos conhecimentos ancestrais, guardados e apresentados pelos anciãos. Eles buscavam transmitir estes por meio de histórias, danças e ritos, pelos quais os indivíduos absorviam e se apropriaram destes saberes. Na comunidade³ Kaingang, não era diferente, os ensinamentos, saberes ancestrais, eram transmitidos por pessoas mais velhas, também conhecidas como *kofá*. Por milênios esses indivíduos foram conselheiros, professores, líderes, verdadeiras bibliotecas vivas de seu povo, guardando os conhecimentos e transferindo para as próximas gerações.

A presença de saberes ocidentais nas Terras Indígenas (T.I.) no Brasil é algo que vem sendo introduzido desde a invasão Ibérica. Logo o conhecimento ancestral das comunidades indígenas é deixado de lado, e esse processo acaba gerando uma percepção que descredibiliza os saberes ancestrais dos povos originários, colocando-os como ultrapassados para a sociedade. Mas as comunidades indígenas não são passivas sobre este aspecto da descredibilização dos seus conhecimentos, Ailton Krenak, filósofo, poeta e líder indígena em seu livro “Futuro Ancestral” (2022), apresenta a ancestralidade como a ética que visualiza a humanidade e a natureza como um. O autor conceitua a ancestralidade como uma forma de resistência que se choca com os valores ocidentais de separação do humano e da natureza.

¹ Ailton Krenak trabalha com o tema ancestralidade dentro da cosmovisão indígena, retoma um novo olhar sobre o tema, considera o termo ancestralidade como dúbio, sendo algo do passado, mas que possui uma forte ligação, e sempre estará presente no futuro, caso haja um futuro, como ele bem expressa em sua obra “Futuro Ancestral” (2022).

² Para Savoldi (2020, p. 36), na perspectiva de Barth (1969), “grupo étnico não é resultado do isolamento geográfico, social e cultural, mas é, sobretudo nos contextos de interação que as diferenças culturais são comunicadas mediante diacríticos considerados significativos para a construção de identidades contrastivas e situacionais.”

³ De acordo com Mocellin (2011) não se trata de um espaço físico, mas um espaço composto por relações, intimidade, coesão social, laços emocionais, que permanecem, não sendo momentâneos. Também evoca uma noção de bem, associada de forma positiva a um grupo ou lugar, por exemplo: uma sociedade pode ser má, mas é difícil associar a maldade a algo que é composto por sentimentos, particularidades íntimas para além da externalidade semelhante como a comunidade. Ela não se resume somente a um grupo que partilha de um mesmo perfil cultural, a comunidade é construída de acordo com a etnicidade, a noção de pertencimento a um grupo formado pela alteridade existente dentro da sociedade.

A cultura⁴ Kaingang considera a ancestralidade como fundamental, ela desempenha um papel importante na construção e afirmação das identidades e no modo de vida Kaingang. Abrangendo diversos elementos, como línguas, costumes, tradições, música, dança, arte, conhecimentos tradicionais. Os troncos velhos (anciãos) transmitem tais ensinamentos por meio de suas histórias e seus feitos. Na comunidade indígena Kaingang do Toldo Chimbangue não é diferente, existem várias personalidades essenciais para a formação identitária e territorial do grupo, uma delas é Maria Celestrina Rodrigues.

O presente trabalho procurou analisar a trajetória dessa *kofá* que resistiu e transmitiu sua força de luta para a comunidade indígena Toldo⁵ Chimbangue, localizada no município de Chapecó, onde residiu, e ajudou na conquista desse território, Maria Celestrina Rodrigues, carinhosamente chamada de Mãe Véia pelos seus parentes⁶. Ela é uma personalidade muito conhecida na comunidade, sempre lembrada quando se fala na luta pela Terra Indígena do Toldo Chimbangue. Seu pseudônimo Mãe Véia soa mais como um elogio para quem o invoca, sendo um jeito de lembrar a importância da ancestralidade no presente, além de evocar o sentimento de carinho que uma mãe tem por seus filhos. Sendo assim Maria Celestrina é considerada mãe para muitos da comunidade, mãe biológica, mãe de criação, mãe por ter um carinho excepcional com as crianças que a cercam, tratando estas como se fossem seus filhos. Ela não recorda quando começaram a chamar assim, mas lembra o porquê, pois os seus netos e bisnetos disseram que ela era mãe dos seus pais, mas também era a mãe mais velha deles, pois ela ajudou a criar muitos destes. Surge então a alcunha “Mãe Véia”.

Nesse sentido, meu interesse em pesquisar sobre a história da Mãe Véia⁷, se deu por meio do meu trabalho na Escola Indígena de Ensino Fundamental FEN’NÓ,⁸ no Toldo Chimbangue, na qual atuei como professor de História e Cultura Indígena. Para melhor

⁴ Neste sentido, em todo este trabalho, quando me refiro à cultura, relaciono à categoria mencionada por Savoldi (2020, p. 44) que na perspectiva de Barth (2005), “considera que a cultura é algo partilhado pelas pessoas nas suas experiências. Portanto, ela é fluxo constante, seus materiais culturais estão continuamente sendo gerados, não se tratando de tradições fixas.”

⁵ Ao fugirem da condição de aldeamento imposta pelo estado e pelas companhias colonizadoras, os indígenas se agrupam em lugares que fazem parte de seu território tradicional, ou possuem similaridades com este, a fim de estabelecer sua comunidade ali, mesmo que temporariamente, estes locais são denominados Toldos.

⁶ São chamados parentes os integrantes dos grupos indígenas, não possuindo necessariamente um laço de sangue, é um tratamento de respeito e intimidade construído dentro da comunidade indígena, e desta com outros grupos indígenas.

⁷ Essa pesquisa está vinculada ao projeto de pesquisa “Etnografia colaborativa sobre os anciãos Kaingang e seus modos de conhecimentos” coordenado pela professora Adiles Savoldi e institucionalizado na UFFS.

⁸ A Escola Indígena de Ensino Fundamental Fen’no, foi criada em 2004 pela portaria E/9 n°23/04 na comunidade Toldo Chimbangue em Chapecó. A escola surge depois de um longo processo de luta por espaço e interdisciplinaridade no âmbito educacional para os grupos indígenas que residem na comunidade, valorizando o saber ancestral em um movimento de descolonização dos saberes.

desenvolver as aulas, estabeleci diálogos com integrantes da comunidade, efetuei algumas conversas com os anciãos Kaingang, a fim de aprimorar meus conhecimentos, e fundamentar a construção destes, orientado pelos saberes ancestrais. Durante os trabalhos de pesquisa dos meus alunos com relação aos anciãos, pude perceber, como a história de vida de Maria Celestrina se entrelaçam de uma maneira particular e conjunta com a conquista da terra.

Me recordo da primeira vez em que tive contato com Maria Celestrina, era um dia frio no Chimbanguê, nós professores estávamos em organização para a Semana Cultural dos Povos indígenas⁹, uma segunda feira dia dezessete de abril, organizamos todo o espaço para receber os visitantes, e estavam indo para as cabanas almoçar. Em volta do fogo de chão, com algumas panelas sobre um suporte de pedras, um bolo na cinza¹⁰ sendo preparado, e uma roda de causos, regada a um mate, surge em meio a garoa e adentra na cabana uma senhora, e logo as crianças vêm ao encontro desta mulher pedindo a bênção para essa senhora, dizendo “Bênção Mãe Véia!” e ela respondeu “Deus te abençoe meu filho!”.

Esse momento causou-me muita curiosidade sobre aquela mulher, podia-se notar em seu rosto, para além das marcas que o tempo deixou, que ele carregava um sorriso único, um olhar profundo que transmitia um conforto e uma sinceridade sem igual, o caminhar lento mas firme como cerne, o palheiro e o lenço na cabeça, que como um adorno se harmonizam com uma personalidade muito particular. Pude notar como essa senhora era muito respeitada, logo se juntou à roda, tomando um lugar ao fogo e à prosa. Senti o respeito e admiração que emanavam daquelas pessoas ali na cabana. E assim como ela surgiu, ela nos deixou, sumindo em meio ao erval que cerca parte da escola.

Maria Celestrina, e sua história estão ligadas a dois territórios, o Toldo Pinhal, e o Toldo Chuimbanguê. O Pinhal como é denominado pelos Kaingang está localizado no município de Seara (SC), esse território fazia parte de uma grande extensão de terra.

Telêmaco Borba (1882) afirma que o território tradicional kaingang se estendia dos Campos de Guarapuava, ao norte do rio Iguçu, às margens do rio Uruguai; Romério Marlins (1940) concordava com o limite sul mas estende o limite norte até o rio Piquiri (a noroeste dos Campos de Guarapuava); Métraux (1946) identifica como limite norte o rio Tietê e como limite sul o rio Uruguai. (Fernandes, 2002, p. 11)

⁹ Semana que engloba o dia 19 de abril, dia nacional dos povos indígenas, esta semana é dedicada a enaltecer a diversidade dos povos indígenas, valorizar a ancestralidade e as formas de resistência, também sendo um momento de manifestação pela demarcação dos territórios tradicionais, e também de trocas das novas gerações com a ancestralidade.

¹⁰ Alimento típico do povo Kaingang, que consiste em farinha de trigo ou milho, misturada com sal, água, fermento, assada sob a cinza do fogo de chão.

O grupo Kaingang, na região oeste do estado de Santa Catarina, vivia às margens de grandes rios como o Uruguai e seus afluentes, no território em questão trata-se do Rio Irani. Segundo o laudo antropológico do Toldo Pinhal elaborado por Ricardo Cid Fernandes (2002), a ocupação por grupos Itararé-Taquara, pertencentes ao tronco linguístico Macro Jê, ocorreu por volta de oito mil anos antes do presente (AP)¹¹, mas atualmente devido aos avanços na área da arqueologia conseguimos datar que sua presença na região sul, nas proximidades a grandes rios como o Uruguai, chega a 12 mil anos AP.

Por muito tempo a vida no território Kaingang se deu conforme as tradições do grupo, em diversos âmbitos, o ritual do Kiki em grande parte representava a ação religiosa, o modo de vida mais transitório, permitia extrair da natureza os recursos necessários para a reprodução da vida, havia práticas de caça e coleta que acompanham os ciclos da natureza, como a disponibilidade de frutos e sementes, e a agricultura. A partir de 1921 com a concessão de terras para a Empresa Colonizadora Luce e Rosa & Cia pelo vice governador do estado Hercílio Pedro Da Luz, teve início o processo de medição e divisão dos lotes, para com isso o início da campanha de comércio e colonização da região compreendida de Itá ao distrito de Nova Teutônia. Dessa forma impactando o cotidiano dos Kaingang que viviam nestes territórios.

O Toldo Chimbanguê, compreendido também um local tradicionalmente ocupado pela população Kaingang, que morava e circulava pelos territórios da região desde tempos imemoriais. Durante o processo de colonização do oeste, até 1985, este grupo foi sendo empurrado para as margens do rio Irani pela frente colonizadora, que “legalmente” comercializou os títulos de propriedade, com isso os colonos foram ocupando as áreas anteriormente ocupadas pela população Kaingang. Mesmo com as ameaças, e a expulsão de parte do grupo, uma maioria significativa ainda resistia à expropriação, e para conseguir sobreviver acaba se submetendo a uma relação exploratória imposta pelo colono¹² que comprou seu território de empresas colonizadoras que mercantilizaram o território.

¹¹ Conforme definido por convenção científica o “presente” refere-se ao ano de 1950 (Coelho, 2002, p.73).

¹² Savoldi (2020) menciona em uma nota que Colono vem da palavra “Colônia” que remete a uma área demarcada para colonização pelo governo. “Colônia” também evoca a noção de interior/rural, como as propriedades no interior das cidades, conhecidas como colônias, e o habitante destas é o colono.

Ao realizar a pesquisa sobre a Mãe Véia, busco construir a biografia através de uma etnografia¹³ colaborativa conforme a premissa de Luke E. Lassiter (2005)¹⁴. Essa biografia para além do repositório da universidade ela será destinada à escola, como mais um material da história do Toldo Chimbanguê, com o registro e protagonismo de Mãe Véia. Na construção desta biografia, utilizarei algumas bibliografias complementares, como da coleção Biografemas, o livro FEN'NÓ (2024), da antropóloga Adiles Savoldi, e o trabalho de conclusão de curso de Jessica A. Giaretta, na qual ela aborda em parte a biografia de João Maria Rodrigues, os laudos antropológicos dos territórios dos Toldos Chimbanguê e Pinhal, o trabalho de Wilmar D'Angelis sobre a luta pelo território do Toldo Chimbanguê. Estas biografias e textos corroboram para melhor expressar a realidade vivida por esta *kofá*, como os processos para retomada do território são refletidos em sua vida, e o seu protagonismo no embate e conquista do mesmo território.

Este trabalho procura evidenciar como a história desta *kofá* está viva para além de escritas, nas narrativas de sua comunidade. Os aspectos sagrados, culturais que as presenças dos *kofá* fizeram resistir até a atualidade, por meio dos saberes ancestrais, e com isso fundamentando a identidade de um povo, outrora oprimido e expulso de sua terra, mas que lutou e , fizeram ressoar um grito de luta pelos seus direitos

Esta pesquisa é orientada pela metodologia da etnografia colaborativa, foram realizadas observações participantes¹⁵ e entrevistas com a diretora da escola Fen'Nó Vanisse Domingos, o filho de Maria Celestrina e ex cacique do Toldo Pinhal Sebastião Antunes de Lima, Geraldo Antunes de Lima também filho, Paulina Antunes, a responsável pela trilha das ervas e nora, e é claro, com a senhora Maria Celestrina Rodrigues, também foram realizados alguns diálogos com professores da escola para incluir outros pontos de vista sobre a Mãe Véia. Esse processo de produção colaborativo se deu em todas as etapas do processo, desde o trabalho de campo até a fase da escrita. Para as entrevistas utilizei um roteiro de pesquisa, com algumas questões para orientar as interlocuções, o modelo era flexível, permitindo aos entrevistados mais liberdade e assim, não limitar suas contribuições.

¹³ A Etnografia pode ser compreendida como uma metodologia de pesquisa qualitativa das ciências sociais que busca a compreensão das práticas, relações sociais e culturais de um determinado grupo humano partindo da observação participante ou não, da convivência e da descrição detalhada do que se observa. Geertz (1973) propõe que a definição de etnografia seja mais profunda, a partir disso ele coloca a interpretação cultural como uma forma de produzir o conhecimento que se respalda no esforço intelectual que representa.

¹⁴ LASSITER, Luke E. The Chicago guide to collaborative ethnography. Chicago: The University of Chicago Press. 2005.

¹⁵ Observação participante segundo Malinowski (1922) consiste na prática do etnógrafo observar a vida cotidiana do grupo, e ao mesmo tempo colocar-se como participante da vida cotidiana.

As entrevistas foram realizadas no dia a dia da comunidade, na escola e na casa de Maria Celestrina, de modo que havia interferências feitas por pessoas que chegavam para visitar, pelo barulho dos animais muito presentes em torno das casas, pela passagem de veículos que era constante. As entrevistas foram realizadas em muitos momentos diferentes, algumas aconteceram de modo informal, foram gravadas duas entrevistas formais com Maria Celestrina, e outras conversas informais na escola com os membros da comunidade, além de entrevistas com os parentes de Maria Celestrina.

Durante a realização do trabalho, já nas últimas etapas de escrita, Mãe Vêia veio a falecer devido a um problema respiratório. No início deste trabalho Maria Celestrina se encontrava bem, houve alguns episódios em que ela passou mal, mas logo melhorou e participava das entrevistas e prosas de forma muito ativa e leve. Porém, em agosto/outubro de 2024, seu problema de saúde foi se agravando, teve que ir para o hospital diversas vezes e não mais houve melhoras. Até que no dia quatro de novembro, Maria Celestrina veio a falecer, ou como a comunidade costuma dizer, ela encantou-se. Os registros desta pesquisa visam contribuir para que não esqueçamos das lições da Mãe Vêia.

Neste sentido, esta etnografia está organizada em quatro capítulos, sendo: o primeiro “Maria Celestrina: Terra e raízes que suplantam os tempos”, está dividido em dois subtítulos “O trajeto em busca de um chão para brotar e florescer” o qual apresenta fatos sobre os pais de Maria Celestrina, em seguida temos KAFEJ FI MOG (O crescer de uma flor) onde podemos conhecer melhor sua infância, a árvore genealógica de sua família e sua trajetória no Toldo Pinhal, que é muito marcada por alguns fatos que antecedem sua vinda a este mundo. Também apresenta a ascensão do movimento indígena em prol da demarcação do território, este que inaugura uma nova forma de demarcação, sendo o primeiro no Brasil a recuperar uma área que havia sido comercializada por companhias colonizadoras. No segundo capítulo, “O sagrado e a mensagem de esperança” está dividido em dois subtítulos, sendo eles: “O Catolicismo e os Kaingang” ocorre a apresentação dos aspectos religiosos, e como a crença no sagrado norteava a vida de Maria Celestrina. E aborda também as “Fontes do monge: a água que cura os males”, no qual analisa como surge a figura do monge João Maria e seus ensinamentos. Em seguida discorreu-se sobre “A luta pela terra” e as movimentações em prol da recuperação do território. No quarto capítulo, apresentou-se aspectos da vivência e legado Maria Celestrina: “Mãe Vêia: o tronco que resiste transmite a semente de esperança e luta”. E para finalizar esta pesquisa temos as “Considerações Finais”.

2. CAPÍTULO I - MARIA CELESTRINA: TERRA E RAÍZES QUE SUPLANTAM OS TEMPOS

Para melhor vislumbrar a história de Maria, se faz necessário voltar a um tempo que antecede seu nascimento, conhecer as raízes que deram origem, e sustentam este tronco velho¹⁶, que foi broto novo, mas a sua vivência a transformou em uma frondosa árvore que floresceu e gerou frutos que hoje carregam o seu legado, e transmitem para as novas gerações. Gosto dessa analogia Kaingang, de comparar seu grupo com árvores em sua totalidade, raízes, troncos, frutos, evidenciando a essência da comunidade ser algo com conexão, que forma um. O trânsito dos kaingang proporcionou a vertência de suas raízes, que compreenderam a região oeste de Santa Catarina, Rio Grande Do Sul e Paraná, sendo estes estados abrangidos pelo grande território Kaingang.

2.1 O TRAJETO EM BUSCA DE UM CHÃO PARA BROTAR E FLORESCER

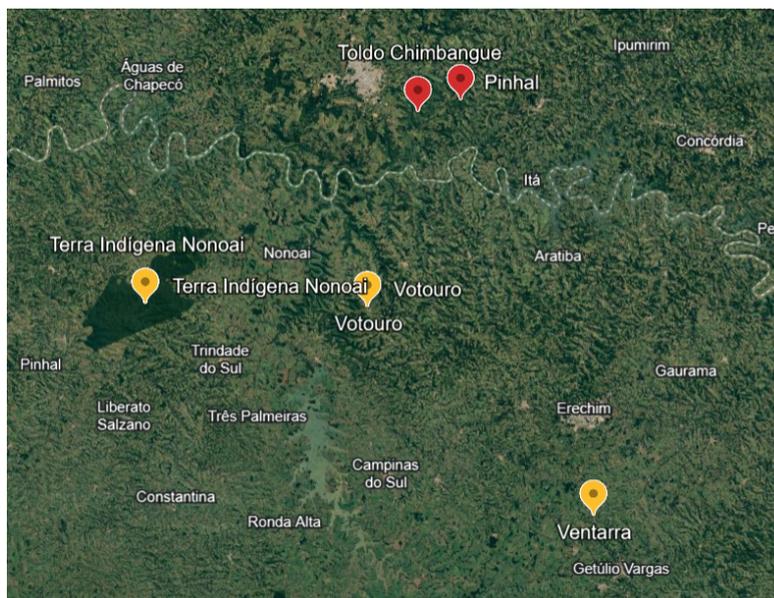
Maria Celestrina possui grande parte de suas raízes no Toldo Pinhal, onde nasceu e cresceu, este capítulo é dedicado à apresentação de Maria Celestrina, filha, neta e criança. Através de sua fala e lembrança foram registrados partes destes momentos, que revelam além de sua história, um passado ancestral. A escola indígena procura registrar as vivências e as experiências dos *kofá*, e com isso fazer a conexão com as novas gerações.

Segundo o laudo antropológico do Toldo Pinhal realizado por Fernandes (2002), os primeiros documentos que relatam a presença dos Kaingang, têm origem jesuítica, mais precisamente da redução do Guairá, datada de 1626 até 1630, em tais relatos os indígenas deste grupo são descritos como arredios, contrapostos aos Tupi, são chamados de Tapuias. Esse etnônimo foi atribuído pela concepção colonial, a fim de defini-los como um grupo que não aceita nenhuma forma de aliança, como a estabelecida entre o império e os Tupi. Os Kaingang preveem o principal objetivo por trás da aliança, que na verdade era o de controlá-los, para que trabalhassem nas reduções, subservientes ao império, abdicando crenças, rituais, e seu modo de viver como um todo. O laudo evidencia que essa resistência perdurou até os princípios do século XIX.

¹⁶ Tronco velho é uma referência dos Kaingang aos seus anciãos, comparando sua estrutura familiar e da comunidade com grandes árvores, com destaque para o tronco que sustenta tudo.

grupo Kaingang do RS se dá, em grande parte, pela nova atitude do governo rio-grandense, que impõe a condição de aldeamento aos grupos indígenas do estado em 1846, devido aos avanços do projeto de colonização.

Mapa 2: Localização dos territórios indígenas no RS são Nonoai, Votouro, Erechim, e em SC Toldo Chimbangue e Toldo Pinhal.



Fonte: Mateus Anciliero, via mapeamento google earth

O aldeamento na Reserva Indígena¹⁸ de Nonoai¹⁹ estava localizado no “distrito de Passo Fundo, limitado ao norte pelo rio Uruguai e, ao leste, tinha como limite o Arroio de Passo Fundo das Missões” (Savoldi, 2024, p. 25), ele estabelece diretrizes onde diversos grupos indígenas são condicionados a conviver, independente do número de indivíduos, organização de liderança, todos são coagidos a viverem em uma área delimitada. Estas condições favorecem a um clima de turbulência dentro do espaço, onde diferentes lideranças nem sempre convivem em paz, nem todos os grupos aceitavam se submeter ao tratamento do Estado e da própria dinâmica de poder dentro do aldeamento, com um cacique principal e outros caciques subordinados. Como se não bastasse, ocorria ainda a manipulação por parte do estado, que buscava faccionar os Kaingang, utilizando-os como ferramentas para submeter

¹⁸ Segundo a Fundação Nacional dos Povos Indígenas, a definição de reserva não é a mesma que Terra Indígena, Reserva são territórios provenientes de doações de terceiros, ou desapropriadas pela União, são destinados à posse permanente dos indígenas, estas não passam pelo processo de demarcação. Já as terras indígenas são territórios tradicionalmente ocupados pelos grupos indígenas, e demarcados com fundamento no decreto n.º 1775/96, que procura estabelecer limites físicos para protegê-las de invasões/ocupações de não-indígenas, também com isso busca preservar a identidade e cultura das comunidades indígenas.

¹⁹ Ainda no século XIX foram demarcadas as Reservas Indígena de Nonoai, Guarita e Campo do Meio.

os que resistiam ao aldeamento, jogando um grupo contra outro (Cabral Júnior, 1993). Um ar de instabilidade e receio pairava sobre este lugar.

Este cenário resulta na fuga de vários indígenas, que não aceitam a submissão a outros grupos, e nem as condições precárias e injustas que o aldeamento forçado pelo estado impõe. A partir de 1856 vários grupos fogem dos aldeamentos, e do próprio RS, um dos grupos que parte do Rio Grande, vem para o oeste de Santa Catarina, à procura de um lugar seguro, com similaridades ao seu antigo território, se estabelecendo no território que hoje conhecemos como Toldo Chimbangue, na época conhecido como Toldo do Irani²⁰. D'Angelis (1984, p.22) ainda traz em seu texto trechos de ofícios emitidos pelo Diretor Geral Dos Índios Do Rio Grande Do Sul José Joaquim D'Andrade Neves, onde este redige:

O primeiro ato sangrento foi o assassinato perpetrado por índios em Antonio José Macedo e três pessoas de sua casa, e o último o da fazenda dos Três Serros, onde sucumbiram à faca traioeira dos mesmos índios o infeliz. Clementino dos Santos Pacheco, um filho, um sobrinho, seu capataz com um filho e um escravo, proveniente da intriga apresentada sobre a figura da Usurpação do campo denominado Eraxim (sic), onde outrora foi acampamento de errantes tribos

É possível notar, como o autor bem aponta, as intenções do diretor com esse ofício, que intencionava descredibilizar a permanência indígena em seu território. Com isso apoiando a condição de aldeamento e controle dos indígenas, colocando nas entrelinhas que estes indivíduos podem ser perigosos e que devem ser contidos. Esses posicionamentos criam justificativas para as decisões do governo rio-grandense, e acabam por impulsionar o apoio às companhias colonizadoras.

D'Angelis (1984, p.22) evidencia que, neste mesmo ofício, o diretor faz a relação dos responsáveis pelo ataque e dos mortos no mesmo, após interrogar dois indígenas envolvidos nesta feita que foram presos. Dos responsáveis seriam Manoel Grande, Joaquim Manoel, Agostinho e Pedro (filhos de Manoel Grande), José Crespo, Salvador Chimbangue, Ignacio, Caetano Vicente, Bitta, Maria (mulher de Manoel Grande), Maria (mulher de Crespo), Aninha Portugero e Brandinha (mulheres de Joaquim Manoel). Perseguidos a ferro e fogo pelas diligências (também chamadas “tropas” ou “forças”), este grupo procura um lugar seguro para além do grande rio Uruguai, um local congênere ao seu antigo território expropriado, e acham isso às margens do rio Irani, afluente do Uruguai. Savoldi (2024)

²⁰ Esse Toldo foi fundado por Antônio Chimbangue, e um grupo de companheiros (as) seus, que viram antes dos dois grupos referidos acima. Chimbangue e seu grupo estavam fugindo, acusados de roubo e assassinato em Três Serros, procuram abrigo ao norte do rio Uruguai, e fundam o Toldo do Irani, posteriormente conhecida como Toldo Chimbangue.

salienta que as informações sobre a chegada dos primeiros Kaingang, possui alguns hiatos, por conta de toda a história, cosmologia e saberes serem transmitidos oralmente, as informações acabam se perdendo ocasionalmente, ou guardadas na memória de algumas pessoas, esperando o momento de serem desveladas.

A fuga dos Kaingang do RS não passa despercebida, até porque não foi somente um grupo, na verdade vários realizam tentativas de fuga. Entre 1893 e 1894 dois destes se reúnem para terem melhores chances de sair ilesos das investidas das “Forças”²¹. Um dos grupos era liderado por Antoninho Isaías Alves do Amaral, um outro por Chico Pataca, Cadete, Antonio “Kuxé” Wénrey, os dois grupos entram em acordo e se fundem em um só (D’Angelis, 1984, p.41). Mesmo com essa união, os perseguidores não se intimidam, e continuam fervorosamente a perseguição, e os Kaingang, que não se rendem com facilidade, embrenhando-se nas matas, em rios, combatendo com bravura para defender os seus que fugiam. A última barreira que os Kaingang enfrentaram antes de chegarem ao seu atual território foi o grande Rio Uruguai, o qual atravessaram a nado e em balsas improvisadas com cipós e troncos montadas por Chico Pataca, puxadas por Kuxé a nado (D’Angelis, 1984, p.42).

Nessa vinda do RS para um lugar seguro, longe do caos do aldeamento, e da brutalidade das “forças”, vinha uma família em especial, composta pela irmã de Antonio Kuxé, seu nome era Wagtu, conhecida como “Sinhana”, era casada com João Pedro Rodrigues o Fîgpón, estes tinham três filhos, Maria Rodrigues Kaxufêy, Julia Rodrigues Yagdâ²² e Gregório Rodrigues Mréym. Fîgpón era conhecido por sua valentia, e destreza, e em uma feita, seu grupo acaba sendo surpreendido, entra em confronto com as “forças”, e ele é morto, deixando seus três filhos e sua esposa para trilharem o caminho sozinhos.

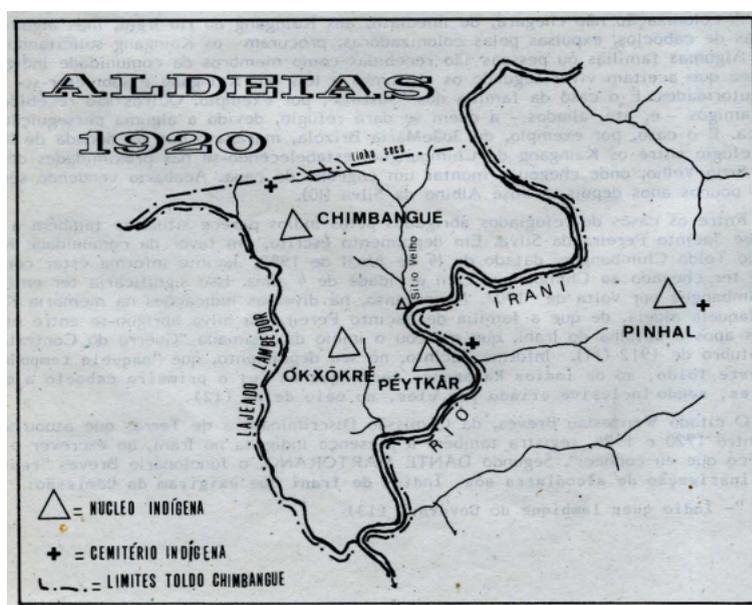
Ao chegarem do outro lado do Rio Uruguai, as lideranças viram que estava tudo calmo, e não havia mais sinais de seus perseguidores, iniciam uma expedição para conhecer o território, nessas investidas encontraram outros Kaingang, que já viviam na região, sentindo-se mais seguros continuam suas buscas por um lugar com similaridades de seu

²¹ Eram chamadas “forças” ou “tropas” os grupos de perseguidores de indígenas, não aldeados ou fugitivos dos aldeamentos, utilizavam de muita violência para coibir estes, alguns depoimentos relatam quão brutais eram as práticas.

²² O nome de Júlia, é citado de diferentes formas em distintos documentos, documentos oficiais trazem o nome Ana Júlia Alexandre, Savoldi (2024) utiliza destes documentos oficiais para justificar a nomenclatura, D’Angelis (1984) apresenta ela como Julia Rodrigues Yagdâ, outros textos podem cita seu nome também como Julia Rodrigues Lâdgy, essas variações na escrita do nome indígena também se devem às características culturais, o contato com outros grupos a fluidez da língua que nem sempre foi escrita. Cabe salientar também que Júlia é mãe de Fen’Nó, outra importante kofá, figura responsável pela retomada dos Kaingang no Toldo Chimbanguê.

antigo território em Nonoai, e assim chegam ao Toldo do Irani, e se unem ao grupo do cacique Chimbangue²³. Segundo D'Angelis (1984), no mesmo período em questão, parte do grupo se mudou para o divisor de águas, a leste do Irani, o “chato”, local que possibilita o avistamento dos campos de Nonoai. Ali tem a gênese do Toldo Pinhal. Oficialmente, a presença dos indígenas no Irani é datada de 1896, mas como Ana Maria C. R. Lange, Ricardo Cid Fernandes, Wilmar da Rocha D'Angelis, constataram o processo de expansão dos Kaingang antecede tal data.

Mapa 3: Localização da área indígena Toldo Chimbangue e Toldo Pinhal, década de 1920.



Fonte: D'Angelis (1984, p. 56).

As margens do outro lado do Rio Uruguai, ainda não eram reclamadas pelo projeto de colonização, com isso propiciando um momento mais pacífico aos Kaingang, que conseguiram se estabelecer ali sem maiores problemas. No Pinhal, não foi diferente, as matas formadas por taquarais, cedros, angicos, caneleiras, grápia, canjarana e é claro as araucárias ou pinheirais, que deram nome a TI, propiciaram uma ampla gama de possibilidades aos indígenas no que se refere aos hábitos de caça, pesca, plantio e coleta.

Sinhana Wagtu, viúva de João Pedro Rodrigues Fîgpón, era uma importante figura na comunidade recém estabelecida, ela detinha os saberes ancestrais no que se refere às plantas medicinais e a habilidade de cura, acabava sendo muito procurada por este motivo. O acesso

²³ Nome pelo qual ficou conhecido o Toldo do Irani, sendo posteriormente denominada Toldo Chimbangue, pela influência e reconhecimento do cacique, logo diziam: “Vamos lá no Chimbangue”, e devido a isso o território ficou conhecido como tal.(D'ANGELIS, 1984)

ao tratamento de saúde na época era difícil e distante, e como se não bastasse, os grupos indígenas eram marginalizados e perseguidos. Mas mesmo assim a sua medicina era algo sagrado, no que se agarravam e utilizavam com muito respeito e crença. Sinhana se estabeleceu à beira do Irani²⁴, junto de Péytkâr, com quem se casou após se mudar.

Neste ponto, abordaremos em específico, Gregório Rodrigues Mréym²⁵, filho de Wagtu e Fîgpón, ele ainda era pequeno quando chegaram à beira do Irani, mesmo com as adversidades enfrentadas, se encontram a salvo no Chimbangue. Gregório viria a ser uma importante figura para os Kaingang do Irani e do Pinhal, desempenhando um papel vital para a resistência indígena em meio aos avanços das frentes colonizadoras. Ele é descrito como um homem muito bom, enérgico, sincero, correto, em seu entorno existe toda uma mística de bravura e heroísmo.

Mesmo sendo criado no Chimbangue, quando ele cresceu se mudou para leste do rio Irani, no Pinhal, onde casou-se com Francisca Wyntkíffâr, e lá se tornou cacique, o primeiro cacique do Pinhal. Com isso uma segunda comunidade surge, as relações entre Chimbangue e Pinhal se mantêm, quando Gregório assume o cacicado do Pinhal, pouco tempo depois seu tio Antônio “Kuxé” também toma posse como cacique, sucedendo Fidêncio Venâncio, que havia sido escolhido como sucessor de Salvador Chimbangue²⁶.

Passado algum tempo, a esposa de Gregório, Francisca vem a falecer, seu sepultamento ocorreu no Pinhal, segundo os costumes dos Kaingang, em sua sepultura é colocada uma cruz de cedro não falquejada²⁷, o casal não havia concebido nenhum filho. Posteriormente Gregório se casa com Conceição Souza, da família dos Justino²⁸, família

²⁴Quando me refiro à beira do Irani, quero citar o local onde é o atual Toldo Chimbangue I, que faz divisa com o Toldo Pinhal, evidenciado no Mapa 3.

²⁵ Cabe aqui salientar algumas informações sobre o cacique Gregório, que acabam entrando em conflito, uma delas diz respeito ao seu braço, o laudo antropológico do Pinhal (2002) diz, segundo depoimentos de alguns colonos alemães, Gregório perdeu um dos braços em uma luta com um tigre. Já no documento redigido por D'Angelis (1984), o referido cacique possuía uma deficiência congênita, a qual o condicionou a ter somente o braço direito.

²⁶Por volta de 1915 o cacique Chimbangue veio a falecer, vencido pelo tempo, sabe-se que ele havia passado dos cem anos, seu corpo foi plantado no território que junto de seus companheiros fundamentou o abrigo para a comunidade Kaingang. Em sua sepultura foi cravada uma cruz de cedro não falquejada, que brotou e fez-se uma frondosa árvore, que anos depois foi utilizado como base para o argumento de retomada do território do Toldo Chimbangue II.

²⁷ Isso significa que a madeira desta cruz não foi aplainada, ou sofreu qualquer processo que afetasse a forma do tronco, sendo assim a cruz é feita com dois pedaços de tronco bruto. Segundo o Padre Balduino Rambo (1947), os costumes funerários se alteraram com o passar dos tempos, sendo implantado alguns aspectos da cultura não indígena. Como um exemplo disso o uso de caixões de madeira em contraponto com os antigos hábitos de envolver o falecido em faixas, mas o ritual em si com o plantio da cruz continuou o mesmo por algum tempo.

²⁸ Neste período toda a família era conhecida não pelo sobrenome, mas pelo nome do patriarca. Neste sentido, a família dos Justino era a família de Justino Souza. Mais a frente no texto podemos notar que o mesmo acontece com a família de Gregório Rodrigues.

cabocla, que dentre outras várias, buscou abrigo junto aos indígenas quando fugiram das investidas empreendidas pelas frentes colonizadoras. Desta união são concebidos dois filhos e uma filha, sendo eles João Maria Rodrigues Piroy, Francisco Rodrigues, e Maria Celestrina Rodrigues Kafej.

O processo de expropriação e colonização não havia impactado de forma severa os Kaingang do Chimbangue e Pinhal até 1924, pelo menos não que eles percebessem. Juridicamente as terras que abrangiam o território indígena, vinham sendo negociadas e feitas e desfeitas, conforme as intenções e vontades de seus detentores desde a invasão ibérica²⁹, até a passagem de 1850, com a Lei de Terras³⁰.

Mesmo com as ressalvas sobre os direitos legais à ocupação e posse de terra para os indígenas em 1850, já estava organizado o cenário para os esbulhos destas terras. A proposta expansionista do governo, o surgimento da estrada de ferro³¹, a emancipação de algumas sedes municipais próximas desta mesma estrada, a exploração da madeira nativa, trazem uma grande valorização para esta região até então deixada de lado pelo colonizador. O “Progresso” vinha tomando conta do meio oeste e do grande oeste. A espoliação das terras tem início pelo Toldo Pinhal, a terra mais “recentemente” ocupada, e posteriormente vai chegar até o Toldo Chimbangue, isso tudo a partir de 1924 com o início das demarcações.

A frente colonizadora, comandada pela empresa Luce, Rosa e Cia, que havia adquirido a terra que abrangia o território Kaingang do Pinhal e Chimbangue de um suposto herdeiro da Baronesa de Limeira em 1919, orquestrava o avanço e controle de todo este espaço, que rumando para Oeste com os loteamentos, e com uma massiva propaganda de venda, que alcançava o outro lado do oceano. Chegam ao Pinhal em 1924 um grupo de alemães

²⁹ Com a divisão territorial entre portugueses e espanhóis pelo Tratado de Tordesilhas, depois com as Capitânicas Hereditárias, posteriormente com as concessões de sesmaria e compra de terras, o território sempre esteve em um movimento de venda, posse e compra, nesse meio o indígena é considerado um empecilho ao latifúndio e posseiro.

³⁰ Lei Nº 601, de 18 de setembro de 1850, dispõe sobre as terras devolutas no Império, assim sendo ela determina a proibição de nova concessão de sesmaria, a ocupação da terra não legitima mais a posse desta, as terras a partir de agora só poderiam ser adquiridas mediante compra, acerca das que são possuídas por título de sesmaria sem preenchimento das condições legais não há garantia de posse. Essa Lei também determina que as terras sejam medidas e demarcadas, sejam elas cedidas a título oneroso, assim para empresas particulares, como para o estabelecimento de colônias nacionais e de estrangeiros, autorizado o Governo a promover a colonização estrangeira na forma que se declara.

³¹ A construção da estrada de ferro que conecta São Paulo ao Rio Grande do Sul, teve início em 1897, o projeto passou por uma troca de companhia, e teve revisões no contrato, seu impacto foi imenso já que para a construção dela o governo da época Afonso Pena, concedeu a companhia Brazil Railway Company 15 Km de cada lado da estrada para exploração, além do pagamento por Km construído (30 contos de réis). Esse foi um dos principais fatores que resultaram na Guerra do Contestado, onde para a construção e exploração a Brazil Railway Company expropriou diversas comunidades caboclas, indígenas e de sertanejos.

incubidos de medir as terras, estes vão até o cacique Gregório e pedem permissão para acampar junto da comunidade, também fazem uma proposta de trabalho, na qual os indígenas seriam responsáveis por abrir as picadas das demarcações para a empresa colonizadora e seu projeto de venda dos loteamentos, um trabalho que levaria alguns meses, Gregório aceita a proposta. Com o fim do serviço, na hora do pagamento, se juntam os três líderes das comunidades, Gregório, Kuxé, Chico Pataca e Alfredo Fortes do Nascimento, no entanto, em vez de um pagamento em dinheiro eles pedem a garantia do seu território, o líder da expedição consente com o pedido e delimitam a área, sendo os limites o rio Lajeado Lambedor e o Rio Irani³², é redigido um documento em cartório o qual fica com o cacique Kuxé.

A partir disso, o processo de tomada de terra pela empresa colonizadora Luce, Rosa e Cia ganha forma, os loteamentos estavam feitos e vendidos, a espoliação é gradativa e vem sendo instituída a partir de Itá, se expandindo até o rio Ariranha divisa do território Kaingang. Em 1924 tem início um processo de ocupação na Linha Nova Teutônia, que fazia divisa com o Pinhal. Diversas famílias alemãs, que adquiriram a propriedade ainda em solo europeu por intermédio de pastores protestantes, se estabelecem nos arredores do Pinhal. Buscando uma vida melhor, a possibilidade de ter terra de forma fácil, estes foram alguns dos grandes motivadores da imigração alemã para o referido território.

Na região sul, o processo de loteamento e ocupação do interior dos estados ocorria com a repartição do território pelas chamadas “Linhas” as estradas de acesso ao interior devido a sua forma linear, e a forma como são traçadas, seguindo seu rumo ditado pela paisagem, pelos rios e seus obstáculos, essas linhas para além de estradas eram marcações de divisas territoriais. Nesse sentido, a denominação pode estar ligada aos processos históricos de colonização que buscavam ligar as propriedades rurais com as vilas e delimitar as fronteiras. A expressão surge devido às suas características que muitas vezes remetem a linhas desenhadas na terra.

Isso representa algo não convencional para os indígenas, o estabelecimento de novas fronteiras no Toldo Pinhal transformaria todo seu modo de vida antes seminômade, que possibilita a recuperação do solo e da floresta, para agora a restrição dos seus fluxos de trânsito entre os territórios que a partir disso passam a pertencer aos colonos e a empresa colonizadora.

³² Esta delimitação não compreendia o Toldo Pinhal, logo seria necessário que todo o grupo se deslocasse para o Toldo Chimbanguê.

Florestan Fernandes (1963) explica sobre o modo de produção do grupo Tupinambá, este se assemelha muito com as práticas dos Kaingang na região sul do país, o autor expõe:

O homem não intervinha no restabelecimento do equilíbrio biótico por ele destruído. A exaustão de um nicho era compensada pela busca de outro. Esse tipo de exploração dos recursos naturais, que não prevê nenhuma espécie de restituição, é geralmente definido pelo termo "ocupação destrutiva". (Fernandes, 1963, p.99)

A partir desta perspectiva podemos compreender que os Kaingang assim como os Tupinambás, praticavam modelo produtivo onde o uso da terra não tinha como objetivo a permanência neste, mas sim a mobilidade como uma técnica que possibilita a recuperação do solo. Isso elucida a relação dos grupos com a natureza ser guiada pela lógica de adaptação e não interferência nos ciclos naturais, em contraponto ao pensamento e lógica de exploração do colonizador que aplica uma exploração intensiva da terra, a fixação territorial e o estabelecimento de fronteiras.

Figura 1: Propaganda da empresa Luce, Rosa & Cia, com destaque para os territórios disponíveis para a compra que abrangiam Toldo Pinhal e Chimbangue. A propaganda está escrita em alemão.



Fonte: WITTMANN, Angelina. **Itá - Um pouco sobre a cidade inundada e reconstruída em outro local.** Blogspot. 11 de novembro de 2017. Acesso em 06/11/2024.

Ao chegarem na Linha Nova Teutonia, os colonos enfrentam um grande problema, eles não sabiam como lidar com a terra, muitos não eram agricultores, os que eram se deparam com um solo e relevo diferentes, do anunciado pelas propagandas das colonizadoras, o ato de cultivar a terra sem ter conhecimentos prévios era algo quase impossível. Porém,

neste meio, os Kaingang guiados pelos saberes ancestrais vivem bem neste território, onde plantam, criam, e ensinam algumas dessas habilidades aos novos moradores, o que fez com que a vivência entre os Kaingang e os imigrantes fossem pacíficas e equilibradas nos primeiros anos da colonização. Quem ensinou os colonos alemães a plantar neste solo foi o Kaingang, mesmo com seu território sendo violado pelas empresas colonizadoras, as lideranças indígenas foram pragmáticas e souberam se adequar às mudanças inicialmente a fim de preservar a integridade dos seus.

Gregório Rodrigues, como uma importante liderança na época, é muito respeitado pelos indígenas e pelos colonos. Cabral Júnior (1993) apresenta alguns depoimentos de colonos, que reconhecem a figura de Gregório como algo fundamental para a sobrevivência deles, pois foi ele quem possibilitou ao colono aprender sobre o cultivo de espécies locais. segue trecho do depoimento de um dos colonos:

...Nós aprendemo aí dos índio e dos vários caboclos que tinha ai (...) Nós aprendemo a planta e corta o mato, tudo eles ensinaram (...) nós nos demo muito bem (...) Porque nos primeiros anos se não tivesse os índio (...) eu acho que que nós não passava daquele ano ... (“Seu” Guilherme Moller, colono alemão) (Junior, 1993, p.08)

Essa postura do Cacique Gregório permitiu ao seu povo algum tempo, antes do início do êxodo Kaingang. Mesmo com a tomada das terras, as ameaças por parte da colonizadora Luce, Rosa e Cia, os Kaingang do Pinhal resistiram por mais um tempo, se apoiando na figura de seu intrépido líder.

Gregório, mesmo sendo cacique exercia todas as funções na lida diária com a plantação e a criação de animais, mesmo com a deficiência em um braço, ele não deixava isso abalar o seu moral, ou interferir em seus afazeres. Em 1929, ainda havia Kaingang no Pinhal, mesmo com a delimitação acordada, a comunidade ainda sofria as pressões sobre a permanência em seu território. Por conta disso, vários Kaingang para não sair de seu chão se submetem a viver de favor nas propriedades adquiridas pelos colonos, trocavam sua força de trabalho pela permanência no Toldo Pinhal, mesmo que isso não fosse garantido, e que o trabalho fosse explorado de forma muito sagaz por alguns colonos.

Também havia problemas referente a lida diária dentro da própria comunidade, que impactaram a sobrevivência dos Kaingang do Toldo Pinhal, além do aumento da expropriação, que implica na prática da caça e tornava ela escassa, também a coleta, o plantio estavam a restritos a cada vez menos lugares, e a criação de animais também era pequena mas

significativa para sobreviver. Eram destes meios que a vida dos Kaingang dependia, o equilíbrio era tênue entre todas as esferas. O ataque de um tigre³³ aos porcos criados pelos Kaingang gerou uma mobilização para a captura do tigre, armadilhas foram montadas, e o grupo estava em alerta para a caçada da fera.

Maria Celestrina ainda não era nascida, mas relata a história que seu avô lhe contara:

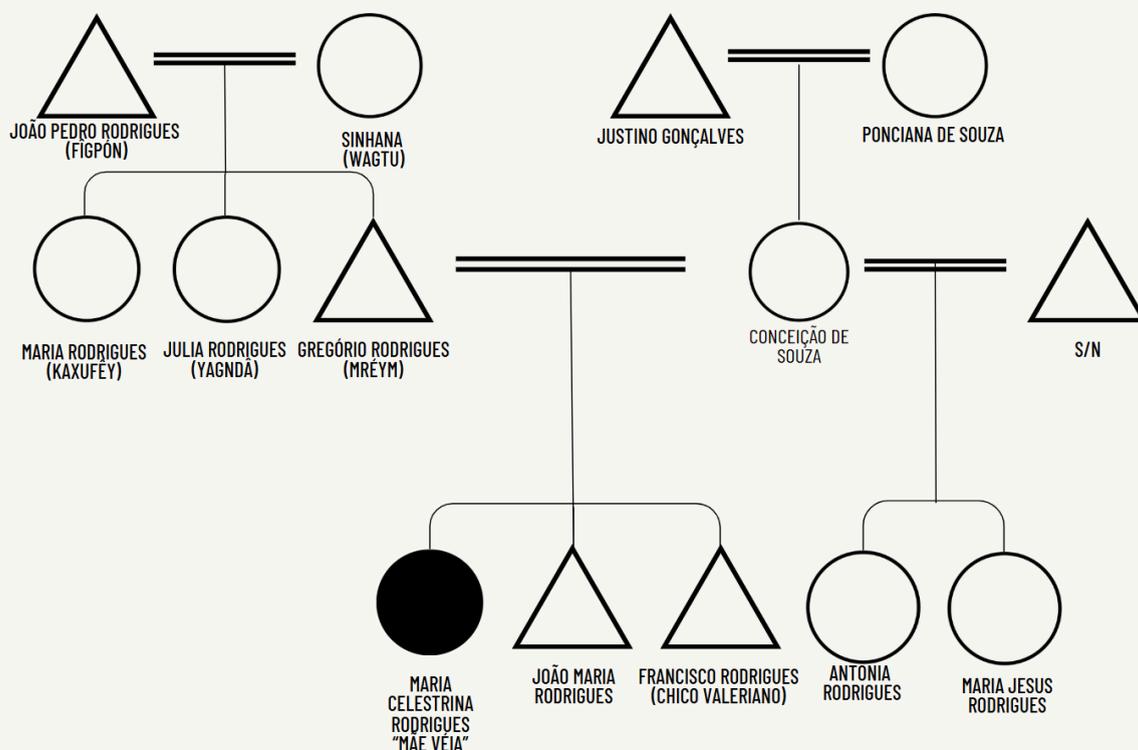
(...) Lembro o que meu avô contava, como é que aconteceu, (...) eles criavam porco, e o tigre pegou uma porca, e daí ele foi atrás achá o tigre, e ele tinha só o revólver. Daí diz que o tigre os cachorro acoaro (latiram), tava numa gaiada de uma canela que quando ela tá descascando que tá molhada, pisa em cima cai a casca, e ele resbalou na casca e caiu em cima do tigre, e o tigre pegou a mão dele (...) Ele tinha o revólver na mão para atirar, e o tigre pegou na mão e puxou ele pra baixo, aí pegou na cabeça dele. Ele durou três dias ainda. (Maria Celestrina Rodrigues, Toldo Chimbanguê, junho de 2024)

Este fato se deu em junho de 1929, Gregório apesar de ter sido pego pelo tigre, conseguiu abater a fera, e sobreviveu mais três dias após o ocorrido, fazendo juz a o que é dito sobre ele, sua coragem e tenacidade, um verdadeiro líder. Segundo relatos de Maria Celestrina, ela estava ainda no ventre de sua mãe quando este fato aconteceu, sua memória sobre o pai foi elaborada através das histórias contadas pelos avós.

Figura 2: Diagrama de Parentesco. Árvore Genealógica Família Kaingang Rodrigues.

³³A denominação Tigre se refere a nossa onça pintada, mais presente na região antigamente, em seu idioma os Kaingang chamam de Mig. Devemos nos atentar que, nessa época, a dinâmica de equilíbrio natural entre indivíduo, fauna e flora, vinha sendo violado, e os indígenas não podiam se dar ao luxo de perderem suas fontes de alimentos. Gostaria de ressaltar também um aspecto particular deste animal, segundo conhecimentos tradicionais do senso comum, de quem partilha seu lar com estes animais, a onça difere de outros animais no que se refere a fuga do barulho, este animal revida a agressão com mais violência, e não como se espera a fuga. Talvez este tenha sido um dos motivos pelo qual o Gregório tenha sido atacado.

ÁRVORE GENEALÓGICA FAMÍLIA KAINGANG RODRIGUES



Fonte: Mateus Anciliero (2024).

O enterro de Gregório foi um grande encontro entre parentes de Nonoai, Votouro, Xapecozinho, avisados por um sinal de fumaça todos se reúnem para o ritual de passagem, os Kaingang se pintaram e enfeitaram seus corpos para realizarem cantos e danças em volta da sepultura. O rito de passagem mescla a tradição da cultura indígena, com rituais da religião católica brasileira, que era ensinada por monges não ligados ao clero católico oficial. O laudo antropológico do Toldo Pinhal (2002) traz este relato feito por um colono que possuía uma relação próxima com a família do cacique Gregório.

Depoimentos como este, evidenciam a intimidade e respeito que havia entre os Kaingang do Toldo Pinhal e Toldo Chimbanguê e os colonos, desde a hora dos trabalhos nos puxirões³⁴, até em momentos de comemoração com festas.

Após a morte de Gregório Rodrigues, a dinâmica do Toldo Pinhal se modifica bruscamente, o grupo se divide, uma parte permanece ali na Chapada, onde o cacique residia,

³⁴ Chamados Puxirões ou simplesmente Puxirão, é o encontro de indivíduos (Vizinhos, parentes, amigos) para ajudar no trabalho com a terra, seja plantio, colheita ou preparo do solo.

outra se muda para o Toldo Chimbanguê e alguns para a margem leste do Irani. Logo as pressões sobre os Kaingang se intensificam, a ocupação promovida pela Luce, Rosa e Cia. vem do Oeste para Leste, com o objetivo de juntar as comunidades do Toldo Pinhal ao Toldo Chimbanguê, com isso liberando mais lotes para a comercialização. Essa ação ganha mais força, após o contrato da empresa Luce, Rosa e Cia. com madeireiras, que iniciam o processo de extração da madeira por volta de 1930.

Logo os Kaingang foram encurralados, não conseguiam lutar, os empregados das madeireiras trabalhavam muito bem armados, os espaços antes de caça e roça, agora eram pertencentes a colonos, o acordo do cacique Gregório nunca valeu para a empresa Luce, Rosa e Cia. E após a sua morte o grupo se divide, a colonizadora se aproveita disso, e molda um discurso que deslegitima o apelo das comunidades pelo seu território, este que era reconhecido e respeitado até por alguns colonos que conviviam com os indígenas.

Devido às ações da colonizadora como a tomada e venda das terras para os colonos, alguns indígenas recuam para o Toldo Chimbanguê, fugindo das ameaças da colonizadora, outros passam a viver como agregados nos ranchos dos colonos, trabalhando sazonalmente, e vivendo na propriedade enquanto tiver trabalho. E é neste cenário caótico que Maria Celestrina Rodrigues, e seus irmãos crescem, sua família resiste em seu lar, mas com o passar do tempo, se torna agregada em propriedades na Linha Nova Teutônia.

2.2 KAFEJ FI MOG (O CRESCER DE UMA FLOR)

É essencial compreender parte do universo simbólico Kaingang, para assim visualizar a trajetória de Maria Celestina, afinal ela faz parte da coletividade que preserva esse saber, pois sua trajetória não pode ser dissociada da cosmologia de seu grupo e de sua comunidade, a cosmologia é um pilar da ancestralidade que constrói, molda a existência e a identidade. O mito de origem Kaingang, narrado a seguir pela professora Vanisse Domingos, lança a luz para entendermos a estruturação da sociedade Kaingang. Com isso podemos vislumbrar as raízes que sustentaram a vida de Maria Celestrina, e que continua inspirando a memória coletiva de sua comunidade.

Há muito tempo houve uma grande inundação, essa grande inundação surgiu, e todos os animais todos tiveram que fugir, alguns foram para os morros e quem não conseguia fugia para as árvores, foram muitos dias de inundação e a água não baixava, foram muitos dias e noites de chuva, e os animais já estavam cansados de

estarem presos às árvores. Logo ouviram as saracuras vindo e eles começaram a gritar, pedindo socorro, as saracuras se compadecem vendo essa cena e foram buscar terra em seus bicos e pedir ajuda para outros animais com asas para trazer mais terra, levou algum tempo, mas trouxeram tanta terra que o nível da água foi baixando, e os animais conseguiram descer das árvores e dos morros, todos estavam salvos.

Logo teve início uma grande festa, e enquanto a festa acontecia se abriram buracos na terra, em um durante a noite saiu um homem mais baixo e magro com os pés pequenos, sua marca era um círculo como a lua, ele veio ao encontro dos animais por um caminho que beirava o um rio, sem pedras ou qualquer obstrução esse era Cayurucré³⁵, e consigo ele trouxe mais dos seus. Esse homem era sábio, e ligado ao lado espiritual, ele é o Kuja, o rezador.

No outro buraco durante o dia saiu outro homem, sua marca era um risco, como os raios do sol, ele seguiu seu caminho para chegar no encontro dos animais, mas esse caminho era dificultoso, cheio de espinho e pedras, era um morro, por conta disso ele ficou grande e forte esse era Camé, e consigo ele trouxe mais dos seus. Esse Homem era forte e destemido, ele é o guerreiro. Por conta dos dois terem saído da terra, sua pele é marrom e já saiu com suas marcas círculo ou bolinha desenhadas em seu corpo.

Ao chegarem na festa, eles comemoram junto dos animais, surgem então as danças do Cayurucré e a do Camé, associando seus movimentos com os dos animais. também nesse momento os animais são divididos, cada animal segundo suas características pertence a uma das metades, Kamé ou Cayrucre, o animal que pertence a sua marca passa a ser seu parente, e você não pode caçar ele. Camé e Cayrucre também decidem casar se com sua outra metade, logo os casamentos só podem ser entre marcas diferentes, ou seja Cayrucre casa com Camé e Camé casa com Cayrucre, os frutos da união herdaram a marca de seu pai.

Os ritos de passagem e enterro também são decididos, todos após a morte devem ser devolvidos à terra, ao mundo dos espíritos que está lá embaixo, eles serão enterrados conforme sua marca, Camé³⁶ do lado que o sol nasce, e do lado que o sol se põe o Cayrucre. As marcas são diferentes mas não é possível separar uma da outra, uma completa a outra juntas elas formam algo completo, um inteiro. (DOMINGOS, Vanice, 2024)

A cosmologia orientou todo o modo de vida dos Kaingang, a política, a espiritualidade e a noção vida coletiva, não atuando somente como explicação de origem da vida, mas também como guia das práticas e das decisões diárias, assim desenvolvendo as formas de viver e se relacionar com tudo que existe e cerca os Kaingang.

Mãe Véia pertence a metade *Kairu*, marca que herdou de seu pai, como o mito de origem fala que a marca é uma herança transmitida do pai para os filhos, o símbolo de sua marca é a bolinha, a marca fechada, que remete a lua, já que o irmão *Kairu* quando saiu do chão saiu em uma noite de lua cheia. Os *Kairu* são os responsáveis pela parte espiritual, os

³⁵ A grafia Cayrucre é definida em língua Kaingang. Adotamos a escrita convencionalizada em língua portuguesa como Kairu;

³⁶ Camé, da mesma forma como Cayrucre, é substituída por uma grafia em língua portuguesa como Kamé;

*Kuja*³⁷, isso segundo o mito de origem, o qual devido às dimensões do grupo espalhado pela região sul e sudeste do Brasil e leste da Argentina propicia algumas variação do mito. Mas os aspectos gerais sempre referem as metades como sendo irmãs, complementares uma à outra, uma metade é guerreira (*Kamé*) e a outra espiritual (*Kairu*).

Maria Celestrina, seu nome Kaingang é Kafej que significa Flor, nasceu no Toldo Pinhal, em 29 de junho de 1929. Segundo sua certidão de nascimento, nasceu em casa e veio ao mundo com ajuda de uma parteira. Ela não chegou a conhecer seu pai, mas os feitos deste homem, sua reputação e memória foram transmitidos a ela pelos avós que a criaram, mantendo vivo o conhecimento ancestral. E lá no Toldo Pinhal Maria cresceu, passou toda sua infância e adolescência naquele chão. É como o dizer Kaingang, “é lá onde está enterrado seu umbigo”.

Savoldi (2017) evidencia essa relação sagrada do Kaingang com o lugar onde foi plantado seu umbigo, o pertencimento e a afetuosidade com esse chão tão essencial à sua existência.³⁸Devido a isso Celestrina cultivava um carinho especial em relação ao Toldo Pinhal, pois é lá onde está enterrado o seu umbigo, demonstra uma vontade de voltar para seu antigo lar, onde nasceu e tornou-se moça, lugar onde cravou suas raízes de forma profunda, o que torna impossível falar sobre sua história sem relembrar o Pinhal. Esse pertencimento a um local, é o princípio da resistência indígena contra a expropriação promovida pelo colonizador.

Uma casa de chão batido, telhado de folhas de palmeira, em um lar assim Maria cresceu, cercada pela família, a cada dia aprendendo mais sobre os saberes ancestrais que guiaram sua vida. Maria relata no documentário: “Chimbandue: Anciãos/as garantiram a luta pelo território³⁹” que foi criada por seus avós maternos, Ponciana e Justino, ela conta também que nunca precisou levar uma surra deles, cresceu e aprendeu sem apanhar, diferente de seus irmãos e parentes criados ali junto.

³⁷ Nome dado aos moradores curandeiros do grupo Kaingang, eles são encarregados da parte espiritual, batismos rituais de passagem.

³⁸ SAVOLDI, Adiles. **A força da Fen’Nó: Uma dádiva aos Kaingang da terra indígena Toldo Chimbandue**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503455154_ARQUIVO_Fen.pdf

³⁹ A Frente Jornalismo. **Chimbandue: Anciãos/as garantiram a luta pelo território**. YouTube, 15 de setembro de 2023. Disponível em: https://youtu.be/_vO8CDlHayo. Acesso em: 10/11/2023

Desde cedo aprendeu a cultivar a terra, como plantar e quando plantar, o conhecimento sobre esses métodos seguiam ciclos que a natureza possui, a lua e estações nortearam a produção de alimentos. Maria relata que:

Nós plantava batata doce, mindoim, mandioca, feijão, tudo as coisa da roça que eu gosto!”, também plantava o milho, não esse amarelo comum que é produzido hoje em larga escala. Maria conta que “Plantava o milho antigo que nós usava, é caiano [...] não o amarelo, tinha uns que era pintado, um grão preto e os outro branco [...]” (Maria Celestrina Rodrigues, Toldo Chimbangue, abril de 2024)

A cana de açúcar também era cultivada, a partir dela se produzia melado, açúcar que eram vendidos, a partir deles também se fazia o puxa-puxa e a rapadura. Sementes e mudas de plantas, eram produzidas e armazenadas em um paiol, onde aguardavam o momento do plantio.

Todo o processamento para o milho era feito em casa, o pilão e o monjolo ajudavam Maria nessas tarefas, para fazer a quirera, o fubá, e a canjica era necessário ter habilidades com estas duas ferramentas e saber separar o grão processado. Maria conta que gostava de comer esses produtos, que eram preparados segundo os costumes do grupo, como a canjica que era salgada, o bolo de fubá era feito na cinza, e a quirera feita na panela de ferro, tudo à beira do fogo de chão. Celestrina afirma que sente saudades do tempo onde preparava as refeições à beira do fogo de chão, era costume que aprendeu com seus avós.

A erva mate também estava presente no dia-a-dia. Maria Celestrina explica que para se tomar o mate era necessário colher as folhas da erva e prepará-las: “Nóis amarrava elas feixe e secava no carijo⁴⁰, também dava de sapeca no fogo. Depois pegava as folha seca batia no pilão”(Maria Celestrina Rodrigues, Toldo Chimbangue, junho de 2024). onde serão maceradas até o ponto que esteja dentro do parâmetro necessário para o preparo do mate. Maria conta que seu marido, Lourenço preparava muita erva mate, fazia para venda e ia na casa dos colonos prepará-la. Após o preparo da erva ela era guardada na despensa da casa, e o mate era feito a partir dela na cuia feita de porongo, ela também fala que sempre utilizaram bomba de metal para o preparo, mas alguns preferiam a bomba feita de bambu, como Savoldi (2024) relata que Fen´nó, tia de Maria Celestrina referia a bomba feita de bambu, por ser mais prática e não entupir.

A criação de animais também se fazia presente, não em larga escala, somente para consumo da família, porcos, galinhas caipira e galinhas d’angola, pato, uma ou duas vacas de

⁴⁰ Ou barbaquá, é uma espécie de forno que direciona o calor para uma esteira de madeira onde ficam dispostos os ramos da erva mate para secar as folhas antes de irem para o Pilão ou para o Monjolo onde serão socadas.

leite, algum gado para o corte, eles eram criados com o trato do que era produzido na roça, o grão, a rama da batata, a mandioca velha, o capim, uma criação diferenciada. O galinheiro e o chiqueiro eram feitos de tábuas. Hoje em dia Maria não tem mais gado, cria suas galinhas soltas, mas devido a um episódio de ataque a elas por um cachorro, agora ela confina a única galinha restante como ela relata. Ela não está mais criando porcos também por demandarem muito trabalho, seus filhos agora ajudam a cuidar, já que a produção de milho não é o suficiente e algumas vezes ela tinha que comprar de outras pessoas para conseguir tratar seus animais.

Esses animais forneciam o necessário para o sustento da família durante a infância de Maria Celestrina. Era necessário saber preparar as carnes para conseguir preservá-las, ela diz que o modo mais utilizado era o charque, no qual a carne era salgada em abundância, e posta para secar ao sol. Ela conta: “charque, nós naquele tempo fazia o charque [...] Fazia fogo também num paiol e deixava lá”(Maria Celestrina Rodrigues, Toldo Chimbanguê, junho de 2024). Então para preservar a carne o charque e a defumação eram comuns, e para preparo destes eram comprados mantimentos como o sal dos colonos alemães, que mantinham pequenas vendas nas comunidades.

Figura 3: Certidão de nascimento de Maria Celestrina Rodrigues, 1986.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Rsd
H. Simon



HENRIQUE SILVESTRE SIMON
ESCRIVÃO DE PAZ E TABELÃO
do Distrito de
NOVA TEUTÔNIA
Município e Comarca de Seara - SC

HENRIQUE SILVESTRE SIMON
Oficial do Registro Civil

ESTADO D SANTA CATARINA
MUNICÍPIO D SEARA
COMARCA D SEARA
DISTRITO D NOVA TEUTÔNIA

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

CERTIFICO que, sob N.º 463 a fls. 231
do livro N.º A 1 de Registro de Nascimentos, encontra-se o assento de
" MARIA CELESTINA RODRIGUES "
nascida as vinte e nove dias de junho de ano de mil novecentos e
vinte e nove (1.929) , às 22 horas. em domicílio
neste Distrito
do sexofeminina, cor branca filha de Gregorio Rodrigues e de dona
Canceição de Souza, brasileiros, solteiros, ambos falecidos em
lugares e datas ignoradas.

XXXXXXXXXXXX
XXXXXXXXXXXX

sendo avós paternos ignorados
e dona "
e maternos ignorados
e dona "
tendo sido declarante a própria Registrada
e testemunhas José Zanandrêa e Alfredo Rickwardt, brasileiros, sol-
teiros, agricultores, domiciliados e residentes neste Distrito.

XXXXXXXXXXXX

O assento foi feito em 27 de maio de ano de 1963
Observações: Nenhuma consta.

HENRIQUE SILVESTRE SIMON
ESCRIVÃO DE PAZ E TABELÃO
do Distrito de
NOVA TEUTÔNIA
Município e Comarca de Seara - SC

O referido é verdade e dou fé.
Nova Teutônia, aos 18 de julho de 1986.

Henrique Silvestre Simon
Oficial do Registro Civil

Sua certidão de nascimento consta do registro em 1963, isso era muito comum na época, os documentos eram feitos meses ou anos após o nascimento, quando eram registrados vários filhos de uma única vez. No caso de Maria Celestrina, ela mesma veio a solicitar sua certidão de nascimento em 1963, com 34 anos de idade, podemos notar que somente foram colocados no documento os nomes de seus pais, ignorando os avós paternos e maternos. Outro ponto interessante é a definição de cor colocada no documento, sua cor é registrada como branca. Logo podemos notar que muitos aspectos são ignorados nos registros da época, pois ela sabia quem eram seus avós, e mesmo assim não constam no seu documento, sua cor poderia ser redefinida para a etnia indígena.

Em sua infância, além do trabalho na roça e em casa, Maria também relata a presença de brincadeiras:

Nois nunca saia brinca que nem saem agora brinca no campo na grama, nós ia campia os cipó no mato, atorava (Cortava a base do cipó presa no solo) pra nois se balanciá (com o cipó preso em meio às árvores as crianças se penduravam) [...]cortava o cipó em baixo dai ia... (Maria Celestrina Rodrigues, Toldo Chimbanguê, abril de 2024)

Se balançavam e subiam em meio às árvores, colhiam frutos que achavam na mata, os banhos de rio também estavam muito presentes neste momento de sua vida. E além disso haviam exigências sobre o comportamento, a família prezava muito pelo respeito dos mais novos, saber o que estavam fazendo, aonde iam, eram condições para poder sair. O respeito que Maria tinha com seus avós e mãe era grande, as próprias conversas ela conta que não “especulava” muito para não desrespeitar os mais velhos.

Essas noções de respeito e valorização do bom trabalho, Maria carregou consigo por toda sua vida, e transmitiu para as novas gerações, que cultivam um carinho e educação com ela de uma forma muito bela, que se torna visível hoje em seu dia a dia, quando vemos os mais jovens interagirem com ela. O fato de pedir a bênção para ela, dizendo “Bença Mãe Véia” e abaixando a cabeça ao pedir, e aguardar ela dizer “Deus te abençoe meu filho!”, mostra a relevância do respeito com o mais velho, pois não são somente crianças que fazem isso, os filhos de Maria Celestrina também a tratam assim.

Figura 4: Maria Celestrina em seus afazeres na roça



Fonte: Acervo Maria Celestrina Rodrigues

Na foto acima podemos ver Maria Celestrina em sua roça, em primeiro plano temos as ramas de mandioca, atrás dela é possível ver alguns pés de milho, do lado esquerdo da imagem é possível ver alguma gramínea forrageira, ao fundo podemos visualizar a vegetação nativa cercando a roça. A partir disso podemos perceber a variação no cultivo de diferentes culturas no mesmo espaço, possibilitando a reposição de nutrientes e com isso também a redução do uso de pesticidas e fertilizantes. Celestrina conta que o principal fertilizante que utilizava era o esterco animal, mas que com o passar do tempo foram sendo introduzidos os adubos químicos e pesticidas.

Muitas dificuldades também rodeavam a comunidade de Maria Celestrina Rodrigues em sua infância, as ameaças da colonizadora com a imposição da retirada dos Kaingang do Toldo Pinhal não cessavam. Muitas famílias como forma de não abandonar seu lar ainda vivem como agregadas, ou em locais ainda não requisitados pela Luce Rosa e Cia, mas estes locais não eram os melhores para o desenvolvimento do habitus do Kaingang. Segundo o Laudo Antropológico do Toldo Pinhal, a família Rodrigues permaneceu na Linha Chapada até por volta de 1942, quando se retirou para a Linha Nova Teutônia, onde passaram a viver como agregados. A comunidade Kaingang do Pinhal, antes unida pela figura do Cacique Gregório, foi se dispersando com o tempo, vindo a ser caracterizada por pequenos ranchos espalhados pelo território do Toldo Pinhal, no Toldo Chimbanguê e arredores.

Maria Celestrina conheceu seu companheiro Lourenço Antunes de Lima em 1943, quando tinha quatorze anos, no período que vivia em Linha Nova Teutônia. Ele era de origem cabocla, proveniente de uma família que havia sido acolhida no Toldo Pinhal pelos Kaingang. Ela conta que seu relacionamento não foi arranjado pela família, eles foram se conhecendo e tiveram sentimentos um pelo outro, suas famílias consentiram com a união. O relacionamento antes do matrimônio durou dois anos, eles não podiam sair sozinhos, ela faz comparações com os dias atuais, explicando que as relações se transformaram, o que era considerado respeitoso não acontece mais nos relacionamentos de hoje em dia. Seu Filho Sebastião Antunes de Lima, que acompanhava a entrevista, complementava que naquela época se um homem e uma mulher fossem vistos juntos de um jeito considerado amoroso (pela família ou pelo cacique ou outra liderança), eles tinham que iniciar um relacionamento com a finalidade de casório.

Figura 5: Lourenço Antunes de Lima e Maria Celestrina Rodrigues (Maria não soube precisar a data)



Fonte: Acervo Maria Celestrina Rodrigues

Então em 1945, com dezesseis anos, Maria conta que se casou com Lourenço Antunes de Lima, o casamento também era realizado pelo cacique, que na época, no Toldo Pinhal era o Cacique e também o *Kuja*. A cerimônia era reservada para a família, alguns vizinhos e amigos mais próximos. As roupas utilizadas não eram roupas de gala, eram roupas que se utilizava no dia-a-dia, mas as melhores. As mulheres vestiam normalmente saias ou vestidos mais simples, e o homem calças e camisas, alguns tinham ternos e coletes. A festa

após o casório não era grande, mas era servido mandioca assada, carne assada, bolo, e para beber caldo de cana-de-açúcar.

Lourenço e Maria Celestrina tiveram oito filhos, todos nascidos no Toldo Pinhal, sendo eles respectivamente Matilde Antunes de Lima, Juvenal Antunes de Lima, Antonia Antunes de Lima, Gentil Antunes de Lima, Pedro Antunes de Lima, Sebastião Antunes de Lima e Antonio Antunes de Lima. Sua família viria a se mudar para o Chimbanguê, quando seus parentes daqui o chamaram para lutar pelo território.

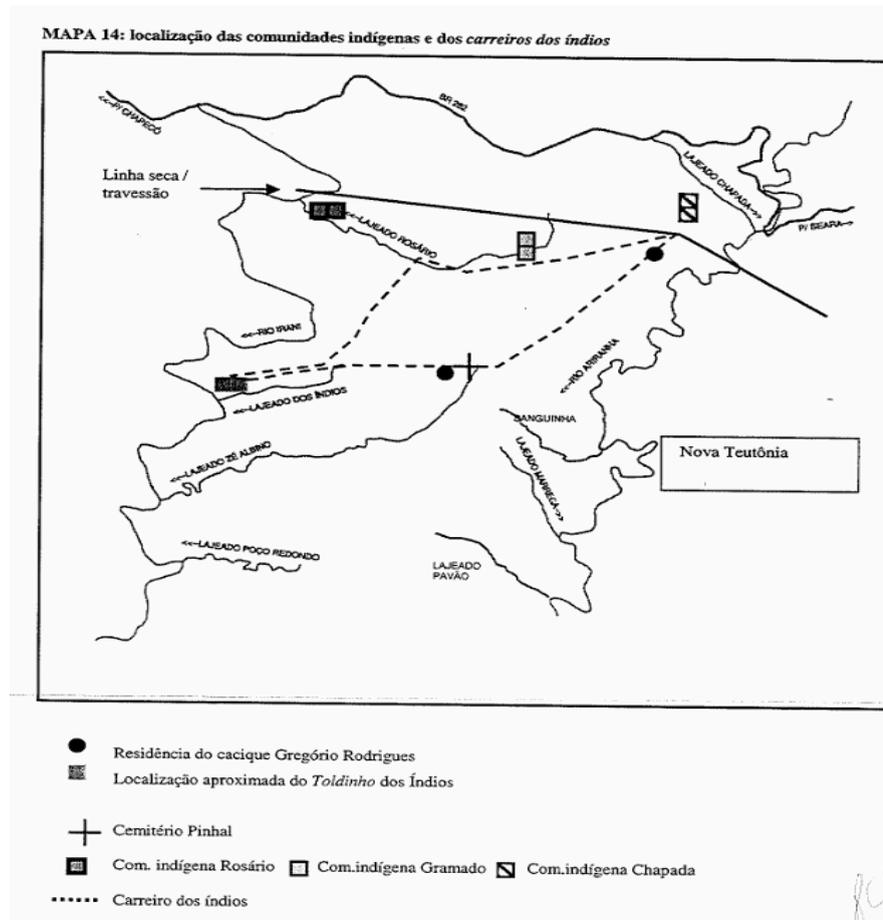
Figura 12: Lourenço e Maria Celestrina junto de seus filhos.



Fonte: Acervo Maria Celestrina Rodrigues.

Na foto acima podemos ver a família de Maria Celestrina Rodrigues e Lourenço Antunes de Lima, da esquerda para a direita em segundo plano vemos Gentil Antunes de Lima, Juvenal Antunes de Lima, Maria Celestrina e em seu colo Antonio Antunes de Lima, ao seu lado Lourenço Antunes de Lima, em seu colo Sebastião Antunes de Lima. Em primeiro plano da esquerda para direita Pedro Antunes de Lima, Terezinha e Iva filhas de uma conhecida de Maria Celestrina, ao seu lado estão Antonia Antunes de Lima, e Matilde Antunes de Lima.

Mapa 4: Localização da área indígena Toldo Pinhal, com destaque para as partes centrais da comunidade, e os locais de residência do Cacique Gregório.



Fonte: Fernandes, Ricardo. (2002, p. 64).

A memória de Maria Celestrina quando retorna a este momento exalta um misto de emoções, expressando a dificuldade pelas condições impostas aos seus pares, mas ao mesmo tempo revela um sentimento nostálgico, o que foi vivenciado, construído nas relações com o território. Celestrina relatou em nossas primeiras conversas, que sentia saudades do Toldo Pinhal, saudades de onde enterraram seu umbigo, do lugar onde cresceu e que seu pai foi cacique, e posterior a sua morte seu irmão veio a sucedê-lo. Esses sentimentos estavam presentes nos antigos moradores da comunidade, o que mais tarde motivou a luta pela demarcação do território no Toldo Pinhal.

3. CAPÍTULO II - O SAGRADO E A MENSAGEM DE ESPERANÇA

Inicialmente é importante compreender o que é o “sagrado”, para isso nos reportamos ao Émile Durkheim que considera o sagrado como algo essencial para entendermos o fenômeno religioso. Em “As formas elementares da vida religiosa” o autor pontua que: “As coisas sagradas são aquelas que as proibições protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas a que se aplicam essas proibições e que devem permanecer à distância das primeiras” (Durkheim, 1996, p.24). O que é sagrado não pode ser tocado ou usado de qualquer maneira, existem proibições e rituais que o isolam do cotidiano (profano) assim sendo também são formas de utilizá-lo. Logo, o sagrado é uma construção social, e o fato de representar uma obra de todos, refletindo os valores sociais e a coletividade, quando é venerado, na verdade o grupo está adorando a si mesmo através de um ritual que mantém a separação sagrado e profano.

Os Kaingang entram em contato com a religião católica através dos colonizadores e caboclos⁴¹, que viam os hábitos religiosos Kaingang com estranhamento, seus rituais como o *Kiki*⁴² uma manifestação tradicional geravam desconforto aos cristãos, provocando muita discriminação para com os indígenas. No entanto, com o passar do tempo, as novas gerações acabam por incorporar algumas práticas cristãs, seja na vivência dos aldeamentos ou na convivência com os caboclos, com os quais apresentavam maior identificação, isso inclui a geração de Maria Celestrina. A religião sempre esteve presente na vida da Mãe Véia, desde pequena, criada sob os preceitos católicos, não o catolicismo oficial como conhecemos, mas influenciado pela cultura cabocla, unindo elementos fundamentais dos grupos, criando uma forma particular de culto ao sagrado.

Existem três monges,⁴³ conhecidos por peregrinar pela região das Américas, o primeiro é João Maria D’Agostini, um italiano, transitou por aqui entre 1840 á 1869, peregrinou até o México, Cuba e findou sua jornada nos Estados Unidos onde morreu no local que ficou conhecido como “Pico Do Eremita”. O segundo foi João Maria de Jesus, a

⁴¹Savoldi (2020) destaca que o termo caboclo é uma autoatribuição da população não indígena que também foi expropriada pelo processo de colonização no oeste catarinense. Embora exista uma identificação, eles possuem diferenças marcadas principalmente pela língua falada e algumas tradições culturais.

⁴²Juracilda Veiga, em seu livro “Aspectos Fundamentais da Cultura Kaingang”(2006) descreve com detalhes o ritual do Kiki realizado pelo povo Kaingang, segundo ela o Kiki é uma festa onde os Kaingang realizam a passagem dos espíritos das pessoas falecidas, é quando espíritos vivos e mortos se unem em um momento de comemoração e despedida, e após a festa os mortos entregam seus nomes (antes tidos como tabu devido a sua morte) devolta a comunidade, que agora pode utilizar para nomear as crianças novamente.

⁴³Tânia. Welter (2007) apresenta os monges em sua pesquisa intitulada “O profeta São João Maria continua encantando no meio do povo: Um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina”.

aparência e suas práticas eram parecidas com a de seu antecessor, por onde passou acabava atraindo muitos seguidores, que ouviram suas previsões de um período de sofrimento que viria junto de muitos conflitos pela terra, também realizava curas com ervas e benzimentos. É lembrado pelas suas fontes de água que marcava com uma cruz de cedro, os registros de seu desaparecimento remontam ao ano de 1908, quando surge o que se dizia seu sucessor, chamado José Maria de Santo Agostinho. Este terceiro monge também possuía práticas de reza e cura semelhante a de seus antecessores, conhecido por acolher os pobres e marginalizados expropriados pela Brazil Railway Company durante a construção da estrada de ferro que ligava o estado de São Paulo ao Rio Grande do Sul, sua liderança religiosa estava articulada ao movimento político de resistência a popular armada.

Mãe Véia é uma devota dos ensinamentos destes monges, eles foram passados a ela pelos seus familiares, aprendeu a benzer e a curar com os “remédios do mato”, bebeu água da fonte do Monge, que ela e sua família viajavam a pé para conseguir. Seu esposo era um benzedor e lhe ensinou algum benzimento, Maria Celestrina afirma que sempre cultuou o monge em sua reza diária.

3.1. O CATOLICISMO E O KAINGANG

Mesmo os Kaingang sendo conhecidos como um povo arredoio, que não se entregava fácil, lutavam e resistiam ao processo imposto pelo colonizador, o avanço colonial não cessava, e não se limitava somente ao território. A ideia de “salvar o indígena” catequizando-o é algo que está nas américas desde que o europeu pôs os pés aqui. Os aldeamentos que forçaram o trabalho e a conversão ao catolicismo foram o início do processo que ganhava forma e força conforme a colonização avançava. A condição de aldeamento já citada, uma forma de controle dos indígenas, e também de dominação religiosa, pois alguns aldeamentos como o de Nonoai eram dirigidos por padres católicos. O povo Kaingang logo se encontra hostilizado por conta de sua crença e de seus rituais, acredito que a forma mais branda que encontrou de resistir foi integrar a religião católica neste contexto.

Figura 6: Comunidade de joelhos em oração, (Maria não recorda qual cerimônia era)



Fonte: Acervo Maria Celestrina Rodrigues.

Na imagem acima, Celestrina não soube precisar a data, e tampouco quem eram as pessoas, mas a imagem revela claramente um momento de oração, podemos ver algumas pessoas com as mãos unidas em prece, mostrando também que no catolicismo popular não era praticado apenas na igreja. Isso fica evidente quando analisamos as práticas dos monges que eram realizadas próximo às fontes de água ou em suas andanças.

Houve uma significativa identificação entre os Kaingang e os caboclos, já que em muitos casos, os últimos eram acolhidos pelas comunidades indígenas, e a troca cultural ocorria entre saberes indígenas e caboclos, assim como suas crenças religiosas e cosmológicas. Os Kaingang reconheciam o caboclo como irmão e inclusive atribuíram uma metade *Kamé ou Kairu*, considerando o outro grupo como parte de sua comunidade. Essa relação entre os grupos é perceptível até os dias atuais, nos modos de cultuar o sagrado, Savoldi (2020) faz a reflexão sobre os aspectos do catolicismo caboclo que são incorporados à cultura Kaingang, as práticas de batismo em casa ou nas fontes de água, o sepultamento dos entes queridos plantando uma cruz não falquejada de cedro, somado às comemorações religiosas são resultado do catolicismo popular. Savoldi (2020), salienta que, é necessário compreender a origem deste catolicismo popular, diferenciando-o do catolicismo oficial, as práticas são distintas, mas possuem uma conexão, ao fazer referência à sua leitura de Arlene Renk, Savoldi elabora:

os brasileiros praticavam um catolicismo popular que se caracterizava pela ausência do clero, e de Igrejas. O catolicismo era pregado por monges que percorriam os estados do Sul, no final do Século XIX e início do século XX. A ausência de igrejas era compensada com os oratórios e santuários construídos nos locais que marcaram a presença dos monges. (Savoldi, 2020, p.05)

Os monges eram os grandes responsáveis por propagar a fé católica popular na segunda metade do Século XIX, no período, o clero não alcançava essas regiões. Os monges não possuíam ligação com este clero, seguiam sua peregrinação guiados apenas pela fé, eles interagiam com a população marginalizada e esquecida. Para a comunidade Kaingang do Toldo Pinhal e Chimbanguê, a figura de São João Maria está ligada a João Maria Agostinho ou D'Agostini, o primeiro monge, segundo Welter (2007), ele chega a região do Contestado em 1851 seguindo o caminho dos tropeiros, era um momento caótico no país com a chegada de imigrantes, tomada de terras, negligência estatal com os a população nativa e com os brasileiros⁴⁴, deixando esses grupos com um sentimento de abandono.

Figura 7: Grutas construídas próximo a fonte do monge São João Maria D'Agostini, no bairro Belvedere, Chapecó SC, local também conhecido como Sede Água Santa. No detalhe em uma das grutas a imagem do monge já em deterioração devido ao tempo e impactos do ambiente (umidade, chuva,).



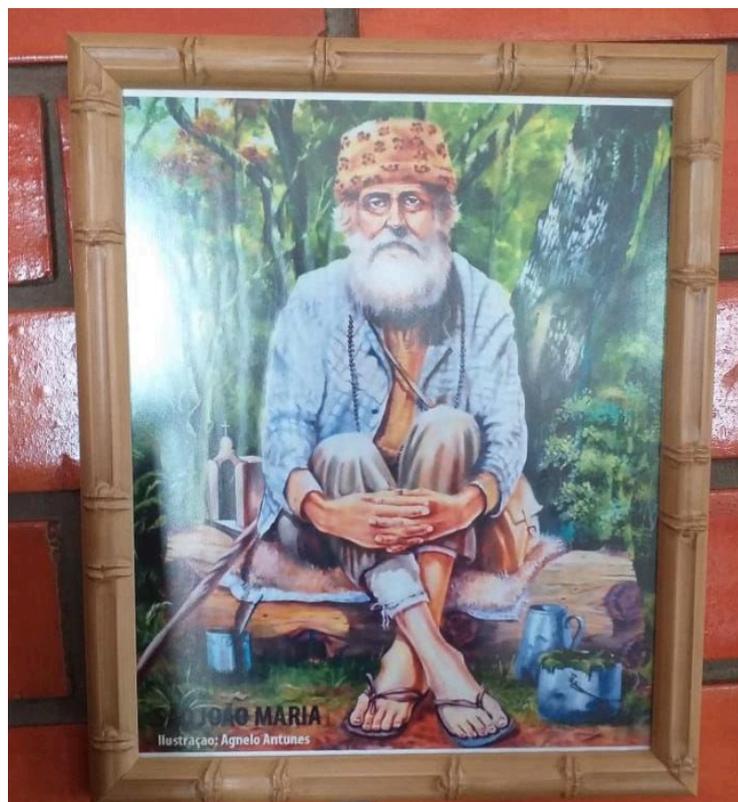
⁴⁴ Savoldi(2020, p.5) apresenta a seguinte definição em uma nota de rodapé que diz “Referência à população autóctone, mais especificamente aos caboclos.”

Foto: Mateus Anciliero

Na imagem acima podemos visualizar três capelinhas, nelas estavam dispostas as imagens de santos como Nossa Senhora Aparecida, o menino Jesus, algumas imagens não era possível identificar devido à ação do tempo e da natureza que deterioraram sua aparência e forma. Mas em meio às imagens católicas figurava a do Monge “São” João Maria.

A presença do monge traz um alento aos grupos marginalizados, que tomam o João Maria como referência religiosa, ele ganha popularidade e adoração devido aos seus milagres realizados, tais como a cura de enfermidades, através de rezas e benzimentos, o uso de uma medicina realizada com ervas e plantas que restauram a saúde. Outro ponto que também traz sua proximidade com os indígenas é a preocupação de João Maria com a natureza. São João Maria, como é chamado pelo seus devotos, ensina rezas e curas para algumas pessoas, que no catolicismo popular são conhecidos como rezadores (as) e benzedeiros (as). A cura dos males fica ao encargo destas pessoas.

Figura 8: São João Maria na igreja católica do Toldo Chimbangue.



Fonte: Savoldi, Adiles (2020, p.183)

Maria Celestrina, é uma devota do monge São João Maria, quando a questionamos sobre desde quando ela era devota, rapidamente respondeu estufando o peito: “A vida toda!”. As histórias dos milagres e das previsões do monge fizeram parte da vida de sua comunidade, seu avô materno Justino lhe falava das feitas do monge. A Bandeira do Divino, a qual ela afirma novamente com fervor que foi fiel “A vida toda!”, e veio a ser portadora, a bandeira é um símbolo cultuado na Igreja do Toldo Chimbangue.

Os benzimentos eram muito presentes no dia a dia da comunidade no Pinhal e Chimbangue, a própria Maria Celestrina informou que benzia de alguns males como dor de cabeça e queimadura, já sua nora Paulina Antunes, sabia benzer também de queimadura e dos olhos, no entanto, o rezador e benzedor era mesmo o seu Lourenço, também chamado de Pai Véio. Seu Lourenço, já falecido, era um benzedor que sabia utilizar a água de São João Maria e também conhecia o poder das plantas e o seu papel na cura de alguns males, Celestrina relata que ele sempre contava que foi batizado pelo Monge São João Maria,

As palavras para o benzimento somente o benzedor sabia, e este não podia falar para ninguém, somente antes de morrer ele poderia passar esse conhecimento para a próxima pessoa. O Pai Véio ensinou a Maria Celestrina algumas rezas antes de morrer, ele faleceu em 2009. Maria Celestrina lembra que a oração deve ser feita no pensamento e em tom bem baixo, somente a pessoa e o benzedor podem estar perto.

Maria Celestrina mesmo com uma idade avançada participava das procissões, pagava promessas de saúde, como no dia de São Sebastião e o dia do Divino (vinte de Janeiro) quando subiu a pé até a gruta de Sede Trentin. Celestrina observa que com o passar do tempo a Festa do Divino foi perdendo o destaque na comunidade do Toldo Chimbangue, segundo ela isso se deve a entrada de igrejas neopentecostais que desvalorizam a cultura Kaingang e outras formas de relação com o sagrado.

Uma frase memorável que ela mencionou ao abordar a questão foi: “São quase tudo crente! Eu acho que até os padre vão virar crente!”(Maria Celestrina Rodrigues, Toldo Chimbangue, junho de 2024). Isso é algo que ela acompanhou durante os anos, a intensificação da presença das igrejas neopentecostais na comunidade. Hoje estão presentes cinco igrejas evangélicas. Paulina Antunes, complementa a fala de Maria Celestrina ao dizer que hoje há apenas cinco ou seis famílias católicas no Toldo Chimbangue.

Figura 9: Maria Celestrina portadora da bandeira do divino durante procissão no Toldo Chimbangue 1.
A procissão visita todas as casas dos fiéis nos dias que antecedem a “Festa do Divino”.



Fonte: Acervo de Maria Celestrina Rodrigues.

Muito embora os Kaingang tenham resistido à colonização e à imposição cultural, a catequização forçada e a criação de aldeamentos foram meios utilizados pelo estado como uma forma de controlar e converter os indígenas e as populações caboclas ao catolicismo. Logo os Kaingang inserem sua cultura e suas crenças na religião católica, porém essa aproximação se deu levando em conta elementos do catolicismo popular brasileiro, mesclando elementos culturais caboclos e indígenas.

Essa aproximação entre os grupos reflete trocas culturais e espirituais, e esses eventos resultam na estrutura sociocultural da comunidade até os dias de hoje. Na difusão deste catolicismo popular os grandes responsáveis eram os monges, neste caso São João Maria D'Agostini, que utilizando a fé alcançava essas populações distanciadas e marginalizadas pelos projetos colonizadores. A fé de Maria Celestrina é resultado desses processos de trocas culturais e religiosas entre caboclos indígenas e os monges.

3.2. FONTES DO MONGE: A ÁGUA QUE CURA OS MALES

São João Maria é conhecido dentre tantos feitos como curas, previsões, mas também sobre o milagre das fontes, segundo Savoldi (2020, p.174) era costume do monge erguer uma cruz de cedro não falquejada próximo a fontes de água onde pernoitava em suas andanças, se

esta viesse a brotar a fonte passava a ser considerada abençoada e sua água teria poderes de cura, e os devotos do monge a utilizam para batismo e curas. Tomazi (2016) apresenta os “Mandamentos da lei da natureza”, ele afirma ser uma espécie de manual do monge, neste texto estão dispostos vinte e nove mandamentos, que seriam os princípios éticos para todos os indivíduos. O autor destaca três destes que enfocam mais especificamente no cuidado com a terra e a água seriam:

6º - A terra é nossa mãe. A água é o sangue da terra-mãe. Cuspir e urinar na água é o mesmo que escarrar e urinar na boca de sua mãe; 8º - Quem não sabe ler o livro da Natureza é analfabeto de Deus; 9º - As horas de chuva são as horas de Deus. É quando a Mãe-Natureza vem trazer água para seus filhos na Terra”(2016, p.23)

Esse cuidado especial com a natureza é uma característica do monge que fez com que as populações indígenas e caboclas, fragilizadas com a destruição do meio ambiente, a mata, o erval, o rio, buscassem respostas e o cuidado de alguém que compreendesse suas dores, e o monge os acolhia.

Figura 10: Fonte de água localizada no Bairro Seminário em Chapecó. Nesta fonte foi feita a construção de um sistema Caxambu, que protege a nascente e canaliza a água para o uso desta pela comunidade.



Foto: Adiles Savoldi

Em uma entrevista realizada com Paulina Antunes e Maria Celestrina perguntamos sobre as fontes de água do monge, se elas conheciam alguma, ambas falaram que conheciam que ficava no trevo. Esta fonte está localizada no Bairro Belvedere em Chapecó, na saída para o trevo que vai para Xanxerê. Em Chapecó, segundo a memória de Maria Celestrina e de Paulina Antunes, sua nora, existem quatro fontes do monge São João Maria, uma estava

localizada no centro de Chapecó, hoje engolida pela cidade, havia uma no Bairro Seminário, outra no Bairro Marechal Bormann, e a já citada, popularmente chamada do “Fonte do Trevão”⁴⁵, no Bairro Belvedere. Essas fontes são conhecidas para além de sua água benta, por sua resistência aos períodos de estiagem. Em uma conversa com a caseira⁴⁶ que mora na propriedade onde está a fonte, ela afirma que também é uma devota do monge, que mora no Bairro Belvedere, na propriedade onde se encontra a fonte, ela afirma que a fonte do monge nunca seca “nem na seca mais braba”.

Maria Celestrina quando questionada sobre onde ia buscar a água da fonte diz que costumava ir:

Na do trevão sabe [...] Aquela água lá São João Maria benzeu pra que cada um que quisesse pegar ir lá e pegar! [...] Quando era mais nova costumava ir a pé [...] Saia de lá (Toldo Pinhal) nós cortava (atravessava o rio), e vinha posa na tia da Luz (Ana Luz Fortes do Nascimento Fen’Nó), e depois ia até lá. (Maria Celestrina Rodrigues, Toldo Chimbangue, abril de 2024)

Paulina explica, complementando Maria Celestrina que era uma procissão, a família saía do Toldo Pinhal, vinha para o chimbangue onde dormiam na casa de Fen’Nó, e no dia seguinte partiam cedinho iam até a fonte, pegavam a água, faziam suas orações e depois retornavam ao Chimbangue e dormiam na casa de Fen’Nó, no dia seguinte regressavam ao Pinhal.

Para realizar tal viagem eles tinham que levar alguns mantimentos, um pouco de água e comida, Celestrina diz que faziam um “virado⁴⁷ de carne de gado ou frango” colocava em um pote para consumir na viagem, pois não havia tempo para parar e preparar uma grande refeição. A farinha era produzida em casa, geralmente era de milho e de mandioca, e a carne era de sol produzida a partir dos animais criados em casa. Maria conta ainda que a fonte do trevão era conhecida por vários indígenas de Chapecó, ela mencionou que tinha muitos parentes, e todos acreditavam no poder da água do monge, e faziam essa peregrinação para pegá-la.

A água era colocada em garrafas de vidro, Maria Celestrina conta que quando chegavam em casa apareciam pedrinhas escuras na água, que segundo ela, seria um pequeno milagre. À água da garrafa era então adicionado mais água para durar mais tempo. Em um

⁴⁵ Esta fonte se encontra hoje em uma propriedade privada, está cercada fechada, mas para os devotos a entrada é permitida, desde que não haja bagunça e nem vandalismo com as capelas e com a fonte de água, salienta a caseira responsável pela propriedade.

⁴⁶ A caseira pediu para não ser gravada e retirar o nome da pesquisa, assim constando somente seu relato

⁴⁷ Virado é uma mistura de alguma comida com farinha, neste caso Maria diz que utilizava carne com farinha de milho.

diálogo com a professora Adiles, ela relata que numa de suas pesquisas, quando falava com uma mulher cabocla, esta relatou que a água do João Maria nunca acabava. Esse fato demonstra a recorrência da crença no poder do Monge para os Kaingang e os caboclos. Paulina menciona que era comum ocorrer procissões até a fonte de água do monge, conta que certa vez a comunidade Kaingang católica resolveu se reunir na T.I. Chapecó e fazer uma procissão para a fonte do trevão, em busca dessa água benta. Tomazi (2016, p. 23) explica que um uso comum para a água do monge acontece através da água pura ou misturada e fervida com algumas ervas medicinais, em forma de chá, desse modo Cristo viria ao enfermo, e curaria o mal que o acomete.

Figura 11: Fonte do monge São João Maria D'Agostini, no bairro Belvedere, Chapecó SC, local também conhecido como Sede Água Santa.



Foto: Mateus Anciliero

A crença em São João Maria e suas mensagens de cuidado com a natureza e o próximo, resistem através dos anos. As fontes de água são utilizadas para batismos e curas, atraem devotos de várias regiões, reforçando a crença em seus poderes curativos. Os mandamentos do monge somados a história oral de milagres e curas divulgados pelos devotos destacam a importância da terra e da água, valores que São João Maria exemplificou em suas práticas e ensinamentos. A reverência pela natureza, aliada à devoção às fontes abençoadas, marca o efeito profundo das ações de São João Maria nas comunidades indígenas e caboclas.

A LUTA PELA TERRA

A terra para os Kaingang é significativa, seu mito de origem fala que seus antepassados surgiram do chão como irmãos de metades diferentes, e que um dia retornarão a esse chão. A terra proporciona o cultivo da vida e a possibilidade de uma colheita futura. “Não é fácil lutar”, essa foi a primeira frase que Dona Maria disse quando a questioneei sobre a luta pela terra aqui no Toldo Chimbangue I. Como já apresentado, Toldo Chimbangue e Toldo Pinhal possuíam uma relação muito forte, uma comunidade e a outra eram formadas por parentes, que mantinham suas relações próximas. E mesmo o Toldo Pinhal não sendo uma Terra Indígena demarcada, os Kaingang sempre estiveram lá, mesmo com as pressões para sua espoliação, eles se mantiveram, porém com as ameaças e a chegada dos colonos, somadas a morte do Cacique Gregório acabaram por dispersar boa parte do grupo do Toldo Pinhal.

Segundo Savoldi (2024, p. 50) em 1954, o SPI (Serviço de Proteção aos Índios), fez um acordo com o governo de Santa Catarina, para remoção dos Kaingang do Toldo Chimbangue, para retirá-los de lá e levá-los para a T.I. Xaçecó. Isso fez com que os Kaingang se organizassem para reivindicar o que é deles por direito: a demarcação do território.

A tensão entre os Kaingang do Chimbangue com os colonos e a empresa Luce Rosa, e Cia aumentou, os Kaingang foram pressionados por força policial para a beira do rio Irani, onde se viram encurralados quando em 1972 a empresa Colonizadora vende os últimos cem hectares, e os Kaingang liderados por Fen’Nó se recusam a abandonar seu território.

Até que no final dos anos 1970, início dos anos 1980, o movimento começa a ganhar tamanho e força, com a ascensão do movimento indígena em nível nacional, mas isso não se deu de uma hora para outra, segundo Paulina Antunes, a comunidade já vinha se articulando há algum tempo, Ana Luz Fortes a Fen’Nó, e seu irmão Clemente Fortes já vinham organizando reuniões para discutir a mobilização pela demarcação do território. A Fen’Nó convidou os seus parentes no Toldo Pinhal, para participarem das reuniões e ajudarem na mobilização. Maria Celestrina e seu companheiro vieram para para colaborar..

Fen’Nó, após juntar sua comunidade do Chimbangue e os parentes e amigos do Pinhal, explica a situação e argumenta sobre o que fazer nesse momento, apresenta as reivindicações e informa sobre os direitos enfatizando o argumento: “O lugar onde o umbigo foi enterrado se traduz num elo que não se desfaz”(Savoldi 2024, p.51). Com a ajuda do CIMI e de outras importantes personalidades Kaingang como Maria Celestrina que residia em Linha

Gramado Seara/SC. A Mãe da Luz, como Maria Celestrina chamava a Fen'Nó, a partir das reuniões com sua comunidade, inicia a construção de propostas assessorada pelo CIMI, tais propostas buscavam explicar aos órgãos responsáveis pelos e as autoridades a importância do território tradicional para os Kaingang, como bem detalhou Savoldi (2024). Maria Celestrina, integrou a pedido da Mãe da Luz, a primeira incursão para Brasília, que tinha como objetivo pressionar os órgão responsáveis a demarcar o território Kaingang do Chimbangue, o pedido inicial era para demarcação de uma área de 1817 hectares.

Durante este período de luta havia ameaças e perigos vindo dos colonos, algumas casas de indígenas foram queimadas, houve intimidação com armas, a própria polícia estava envolvida nas ameaças, como Maria Celestrina relata: “Tinha que dormir com os olhos acordados com medo do ataque da polícia” (Maria Celestrina Rodrigues, Toldo Chimbangue, abril de 2024). Segundo o Laudo Antropológico do Toldo Chimbangue (1984), os colonos contavam com o apoio do delegado Pedro Fernandes Ferreira, que também era vereador no município de Chapecó. Os colonos impediam a circulação de autoridades do CIMI pela área, isso revoltou ainda mais os Kaingang que passaram a se questionar sobre o papel FUNAI em cumprir o compromisso assumido com a comunidade.

Em 1985 Fen'Nó convida o filho de Maria Celestrina, Gentil Antunes de Lima, para acompanhar ela na viagem a Brasília, na qual passaram 15 dias alojados no prédio da FUNAI, fizeram greve de fome, e falavam que não saíam de lá sem a garantia do reconhecimento das terras do Toldo Chimbangue. Foram anos muito difíceis para a comunidade, mas em no dia 30 de dezembro de 1985 após muita luta e muitas viagens para Brasília e Florianópolis, o presidente Sarney assinou o decreto de nº 92.253, que desapropriou 916 hectares de terra, que já estava ocupada por colonos, esse território foi devolvido aos Kaingang. Esse processo de retomada, e a conquista da demarcação inaugura um novo processo de recuperação de Terras Indígenas, já que foi o primeiro no Brasil, em que um grupo recupera um território que foi ocupado em sua totalidade por colonos não indígenas

4. MÃE VÉIA: O TRONCO QUE RESISTE E TRANSMITE A SEMENTE DE ESPERANÇA E LUTA

Maria Celestrina demonstrava sua independência, pois com 96 anos de idade em 2024, morava sozinha, e cuidava de quase todos os afazeres domésticos, fazia suas próprias refeições, cultivava a terra, colhia os frutos desta, mesmo na hora do plantio, serviço que requer força para abrir as covas.. Com um humor sem igual, ela relata suas atividades, desde o cuidado com os animais até o serviço de casa. Durante a entrevista conta que no último mês de julho resolveu plantar mandioca, ela diz:

Eu este ano... ano passado resolvi, plantei em julho um pedaço de mandioca, ali, porque a mandioca veia tinha dado pouco, e ia dar pros porco, digo eu vou plantar em julho pra ver se ele vem, se ela vem eu como , e as véia do pros porco [...] Eu cavei os buracos (Maria Celestrina Rodrigues, Toldo Chimbanguê, abril de 2024)

Maria sempre se dedicou muito ao trabalho, gostava de ir para a roça com seus filhos. Juvenal, seu filho mais velho, relata que ela não gostava de ver pessoas fazendo serviços por ela, ela prezava muito por sua independência, quando ele passava pela casa de Dona Maria, se ela o via, ela ia junto dele para a roça, se via ele voltando pegava no pé dele por não ter chamado ou esperado ela para ir. Ele ainda relatou aos prantos do carinho que ela tinha com seus filhos, de modo que se ela soubesse que eles estavam trabalhando por perto, fazia uma comida e os aguardava para comer, mesmo no auge dos seus 96 anos, esses hábitos eram mantidos e ela ainda cuidava de seus filhos de uma forma muito acalentadora. Lembro que durante uma entrevista ela questionou seu filho Antônio, perguntando aonde ele ia, que horas voltava, porque ela precisava saber, ou quando chamava seu filho Juvenal que voltava da plantação para almoçar junto dela.

Em uma casa cercada pela família e amigos é que Maria Celestrina se encontrava, e é assim que ela gostava de estar, ela gostaria que algum de seus filhos ou filhas tivesse vindo morar junto dela, porque não gosta de ficar sozinha, mas mesmo morando só, sempre aparecia alguém da sua família, seus filhos, noras e genros, netos e bisnetos que moravam na proximidade de sua casa.

Figura 13: Maria Celestrina e Mateus Anciliero durante entrevista, em 19 de abril de 2024.



Foto: Adiles Savoldi

Exemplos de sua prontidão e independência não faltam, em uma conversa com a Professora Adiles, ela relatou que em uma visita há seis anos, Dona Maria comprara uma pequena motosserra, quando realizei as entrevistas foi questionado sobre este episódio, o qual Celestrina confirmou que a utilizava para fazer sua lenha. Mas em pouco tempo, seus filhos tiraram sua máquina, pois era perigoso para ela, suas forças não eram as mesmas para utilizar uma motosserra, e eles se encarregaram de cuidar da lenha e das atividades que demandam da motosserra. Sobre terem tirado a máquina dela, Maria Celestrina disse: “eu fiquei quieta né... antes de levar um golpe dela”. Ela entendia a necessidade de parar de utilizar a motosserra, mas era difícil para ela depender das outras pessoas, sendo que a vida toda com motosserra ou machado ela cuidou disso.

Para as novas gerações Maria deixa um legado de força e resistência, as últimas gerações ela ajudou a vir ao mundo através de seu ofício de parteira, que aprendeu com sua sogra Quintina de Lima Dos Santos, quando Maria tinha 20 anos, a qual lhe ensinou tudo o que sabia, como por exemplo: puxamento, endireitar a criança, e isso possibilitou a Maria Celestrina realizar o parto de muitas pessoas na comunidade, inclusive de vários de seus netos e bisnetos. Também fala que era necessário muitos cuidados após o parto, ela recomendava uma dieta de quinze dias, refeições leves para as mães, de modo que poderiam comer feijão, arroz, canjica (salgada), carne de porco somente após os quinze dias.

Figura : Cachimbo em nó de Araucária.



Fonte: Acervo Mateus Anciliero

Como uma forma de agradecimento pela atenção e disponibilidade, elaborei um cachimbo de nó de pinho para Maria Celestrina. Foi ornado com desenhos e detalhes que marcaram a história de Maria Celestrina, foi desenhada uma flor, que é o significado do seu nome indígena Kafej, e do outro lado uma onça como uma lembrança da história de seu pai. Infelizmente não pude entregar pessoalmente à Maria Celestrina que veio a adoecer, entreguei para seu filho Antônio. Maria foi diagnosticada com câncer no pulmão, e com o passar do tempo sua saúde foi ficando cada vez mais frágil. E por desventura nos deixou no dia quatro de novembro.

A ancestralidade vive na memória coletiva dos seus descendentes, sustentados por seus troncos velhos, os considerados *Kofa*. As lições de vida e ensinamentos permanecem vivos enquanto sua comunidade Kaingang evocar seu nome e sua alcunha “Mãe Véia”. A história de Maria Celestrina Rodrigues é o retrato vivo de uma mulher que marca a vida de cada pessoa que cruzou seu caminho com toda sua independência, coragem, sabedoria, dedicação e fé. Como uma guardiã dos saberes tradicionais, uma matriarca respeitada, ela tornou possível a transmissão dos saberes ancestrais para as novas gerações, sua história de vida hoje é coletiva, e ajuda a compor a memória de luta da sua comunidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a ancestralidade e seus significados para os Kaingang do Toldo Chimbangue e Toldo Pinhal é evocar as personagens que transmitem força e a esperança às novas gerações. A inspiração herdada de seus *kofás*, bibliotecas vivas, que através de suas histórias sensibilizam e mobilizam as pessoas. Na escola indígena é possível compreender a importância da ancestralidade como algo que conecta o passado ao futuro. Maria Celestrina, a Mãe Véia para muitos de sua comunidade, é um exemplo de vida e força para os Kaingang.

O protagonismo e a independência de Maria Celestrina revelam o seu modo de agir e isso se traduz nas ações e lutas por direitos. Sua história inspira os Kaingang. Como vimos, Maria Celestrina e seus parentes travam uma luta por seu território desde o século passado, seus avós paternos que vieram junto de seu pai Gregório do Rio Grande do Sul em busca de um lugar para viver e ter um chão para chamar de lar. Seu pai, que resistiu às investidas colonizadoras com maestria, conseguiu impor respeito aos colonos. Maria Celestrina lutou junto de sua família pela comunidade do Toldo Chimbangue para demarcação de um território que por direito é deles, e para além disso, lutou para serem respeitados.

A trajetória de Maria Celestrina foi marcada por transformações implementadas pelo processo colonial. A formação de sua família, através do seu casamento com Lourenço Antunes de Lima. O processo de mudança de sua família da comunidade no Toldo Pinhal para viverem com agregados em linha Nova Teutônia e depois com a mudança para Linha Brasília, e posteriormente a vinda para o Toldo Chimbangue com o objetivo de lutar pela demarcação desse território. Apesar das constantes mudanças, sua família ainda mantém contatos e ligações com o Toldo Pinhal.

Um dos aspectos que marcaram a vida de Maria Celestrina foi a crença no monge São João Maria e no Divino Espírito Santo. A água benta do monge lhe foi oferecida mesmo em seu leito no hospital. Conforme os familiares, a fé ainda vive junto da memória dela e de sua trajetória por este mundo.

Esse trabalho foi pautado numa experiência colaborativa, trata-se de um trabalho coletivo, desenvolvido em parceria com estudantes, professores, familiares e comunidade. A escrita sobre Maria Celestrina, a Mãe Véia do Toldo Chimbangue e do Toldo Pinhal, foi um exercício de olhar textos que são fragmentos de trechos de sua vida e conversar com pessoas que conviveram com ela para ajudar a compor os registros de sua história. Mesmo que ela não possa ver o resultado deste trabalho que construímos, esperamos que sua história de vida

contada por ela sua família e comunidade, revele o sentido da importância da ancestralidade para as gerações de hoje e de amanhã, e com isso, parafraseando Krenak (2022), que seu legado de luta e esperança seja transmitido para o futuro que também é ancestral.

6. REFERÊNCIAS

- A FRONTE JORNALISMO. **Chimbandue: Anciãos/as garantiram a luta pelo território.** YouTube, 15 de setembro de 2023. Disponível em: https://youtu.be/_vO8CDIHayo. Acesso em: 10/11/2023
- BARTH, Fredrik. **Etnicidade e o Conceito de Cultura.** Antropolítica, Niterói, nº 19, p. 15-30, 2005. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B9HwgBRe_UoIMm40TC0wazdJQUE/view?resourcekey=0-bZPIxWQ__eldT1oACIufmA. Acesso em: 02/06/2024.
- COELHO, João Manuel. **Datação em arqueologia.** Ângulo repositório didático: Ensaio em Arqueologia, Tomar/Portugal, nº1, p. 69-79, 2001-2002. Disponível em: https://www.academia.edu/download/38307425/Revista_1_Angulo.pdf#page=68. Acesso em: 20/07/2024.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Toldo Chimbandue História e Luta Kaingang em Santa Catarina.** Conselho Indigenista Missionário (CIMI) - Regional Sul, 1984.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** 1.ed., São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FERNANDES, Florestan. **Organização social dos Tupinamba.** São Paulo: Difusão européia do livro. 2ª ed, 1963
- FERNANDES, Ricardo Cid. **Laudo Antropológico: estudo dos limites da Terra Indígena Toldo Pinhal.** Florianópolis, 2002.
- GEERTZ, Clifford, **A interpretação das culturas.** 1.ed., IS.reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIARETTA, Jessica Alberti. **A Formação da Terra Indígena Toldo Pinhal nos anos 1980 e 1990.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Universidade Federal da Fronteira Sul - Chapecó SC, 2017.
- JUNIOR, Wilson Antônio Cabral. **Traços do Tempo Memória e Identidade Entre Kaingang e Colonos na Luta Pela Terra.** Acervo ISA, Chapecó/SC, Dezembro, 1993.
- KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral.** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- LANGE, Ana Maria C. R.; NACKE, Anelise; BLOEMER, Neusa M. Sens. **Relatório Antropológico sobre a área indígena do Toldo Chimbandue.** Funai, 1984.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonauts of the Western Pacific: An account of native enterprise and adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea.** London: Routledge & Kegan Paul, 1922. Introdução, p. 6-25.
- MOCELLIM, Alan Delazeri. **A comunidade: da sociologia clássica à sociologia contemporânea.** Plural: Revista de ciências sociais, São Paulo, vol. 17, nº 2, p. 105-125, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/issue/view/5754/40>. Acesso em: 16/07/2024.
- RAMBO, Balduino. **Os índios riograndenses Modernos.** Globo: Província de São Pedro Revista Trimestral. nº 10, p. 81-88, 1947.

- SAVOLDI, Adiles. **A força da Fen'Nó: Uma dádiva aos Kaingang da terra indígena Toldo Chibangue**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503455154_ARQUIVO_Fen.pdf
- SAVOLDI, Adiles. **Rituais de rebelião à brasileira: distintividade cultural e reconhecimento étnico nas Semanas Culturais do Toldo Chibangue em Chapecó-SC**. 2020. Tese Doutorado em Antropologia - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.
- SAVOLDI, Adiles. **A história, a luta, e a vida dramatizadas pelos alunos Kaingang na Terra Indígena Toldo Chibangue de Chapecó, SC**. 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2020
- SAVOLDI, Adiles. **Fen'Nó: legado de luta**. Chapecó, SC: Humana Editora (Biografemas), 2024
- TOMAZI, Gilberto. **Mística da água e cidadania: Uma análise a partir das águas santas de São João Maria, no Contestado**. Encontros Teológicos, Florianópolis SC, Vol 19 nº 1. p. 19-35. 2016. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/456/443> Acesso em: 16/07/2024.
- TYLOR, Edward Burnett. **A ciência da cultura**. In: CASTRO, Celso (Org.). Evolucionismo Cultural. Textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- VEIGA, Juracilda. **Aspectos fundamentais da cultura Kaingang**. Campinas, SP: Curt Nimuendajú. 1ª ed. 2006.
- WELTER, Tânia. **O Profeta São João Maria continua encantando no meio do povo**. Tese de Pós Graduação (Curso de Antropologia). Universidade Federal De Santa Catarina. Florianópolis SC, 2007.